

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JOÃO FRANK SILVA RAMOS**

**DESAFIOS E DIFICULDADES DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS DO  
PROFESSOR QUE TRABALHA COM TEA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Parintins - AM  
2023

**JOÃO FRANK SILVA RAMOS**

**DESAFIOS E DIFICULDADES DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS DO  
PROFESSOR QUE TRABALHA COM TEA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientador (a):** Porf. Dra Georgina Terezinha de Brito Vasconcelos

Parintins - AM

2023

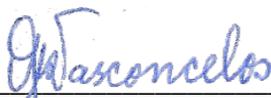
**JOÃO FRANK SILVA RAMOS**

**DESAFIOS E DIFICULDADES DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS DO  
PROFESSOR QUE TRABALHA COM TEA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

**Aprovado em:** 04/09/2023

**BANCA EXAMINADORA**



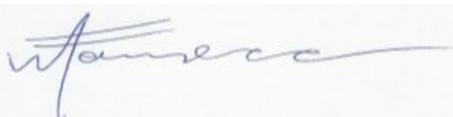
---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos (Presidente)**  
Universidade do Estado do Amazonas



---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Francisca Keila de Freitas Amoêdo (Membro)**  
Universidade do Estado do Amazonas



---

**Prof. Dr. Maildson Araújo Fonseca**  
Universidade do Estado do Amazonas

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha família, a qual  
nunca soltou minha mão nos momentos mais  
difíceis durante minha trajetória,  
especialmente a minha mãe que faleceu antes  
de eu ingressar na faculdade, ao meu pai que  
sempre esteve presente me dando forças e  
ajudando direta e indiretamente no decorrer  
desses anos, a minhas irmãs e minha  
namorada que nunca mediram esforços para  
ajudar nos momentos mais difíceis desta  
caminhada*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiramente a **Deus** por ter me dado forças e sabedoria para chegar até aqui.*

*Agradeço ao meu herói sem capa que sempre foi minha base, que é meu pai carpinteiro **João Francisco** por sempre acreditar no que sou capaz, por sempre me dá forças para alcançar meus objetivos e por nunca falhar comigo como pai nos momentos que sempre precisei, sempre foi um exemplo de homem, trabalhador, humilde, simples e verdadeiro, sempre ralou e batalhou duramente no sol escaldante do verão e até mesmo nas chuvas para que não os deixasse faltar alimento em nossa mesa, sou grato a Deus por ter um pai incrível e gaiato como ele mesmo fala.*

*Agradeço a minha mãe **Mariodete de Souza Silva** que faleceu antes de eu ingressar na faculdade, sempre foi um de seus grandes sonhos presenciar momentos como esses, porém tudo ocorre da forma que Deus permite, não está presente fisicamente, mas sei que sempre esteve presente na minha trajetória desde o primeiro dia de aula, sempre foi uma mulher guerreira, trabalhadora e simples, sempre fazia o que não podia para ver a felicidade de qualquer filho, nesse exato momento imagino ela toda contente com um sorriso Bôbo no rosto vendo que um de seus filhos está apenas concluindo uma das etapas de sua vida e que daqui pra frente ainda terá muitas metas a serem cumpridas e muitos objetivos a serem alcançados.*

*Agradecer a minhas irmãs **Geiciana de Souza Silva, Mariene Silva Ramos e Franciane Silva** que se apresentaram como uma segunda mãe após a perda da dona Odete. Nunca mediram esforços para me ajudar em tudo que fosse necessário, sou grato por tudo que fizeram e fazem por mim até aqui, são grandes mulheres exemplares, guerreiras e muito trabalhadoras, obrigada irmãs queridas por tudo.*

*Agradecer aos meus irmãos **Junison Frank, Jeferson Silva, João de Jesus e Matheus Henrique**, por acreditarem em mim e por me ajudarem direta e indiretamente no decorrer desta caminhada.*

*Agradecer a minha namorada e futura esposa **Solane Sarmento Pinto** por sempre me apoiar em tudo, nunca soltou minha mão nos momentos difíceis e sempre me deu forças para continuar lutando nesta longa e dura caminhada, foi a melhor parceira e companheira em todos os momentos de aflições, sou grato a Deus por ter uma mulher incrível e maravilhosa como você.*

*Agradecer a minha filha de coração **Ana Clara**, por todos os abraços durante todos os dias em que cheguei da faculdade, por todos os sorrisos e momentos de distração.*

*Agradecer ao meu cunhado **Cleune dos Santos**, por todas as palavras motivacionais e por sempre mostrar um enorme carinho e acreditar em mim. Agradecer ao meu cunhado **Siebert Gadelha** por me ajudar de todas as formas possíveis no final desta caminhada. Agradecer a minhas cunhadas **Rayla jacaúna** e **Hilary Monteiro**, por ajudarem direta e indiretamente e acreditarem em mim.*

*Agradecer a minha sogra **Maria do Socorro** e ao meu sogro **José Luiz** pelas orações, pelo carinho, e pela filha maravilhosa que me deram. Agradecer a minha cunhada **Valdenize Sarmiento** e ao seu marido **Junior França** por sempre estarem dispostos a me ajudar e por sempre me apoiarem e me darem forças para continuar firme durante esta batalha. Agradecer aos meus cunhados, **Altermar Sarmiento**, **Eliomar Sarmiento**, **Elinaldo Sarmiento**, **Rodrigo Sarmiento** e **Josinaldo Sarmiento** por todo apoio e carinho durante esta caminhada, por sempre estarem dispostos a ajudar. Agradecer a **Mariane Chagas** e a **Marleany** pelo carinho e por sempre ajudar direta e indiretamente nesse processo.*

*Gostaria de agradecer aos colegas de turma, ao **Wendel Azevêdo**, um grande irmão que faculdade me deu, agradecer por todos os momentos vividos e por todas as atividades realizadas com sucesso apesar dos apesares, ao **Davi Jonathas**, amigo de ensino médio e de faculdade por todos os momentos de reflexões e por sempre ajudar nas dificuldades encontradas, agradecer ao meu grupo de estudo, **Iksaiana**, **Fabiane Prata**, **Emanuela Pontes** e **Sue An**, por todas as gargalhadas, brincadeiras, zueiras e todos os trabalhos realizados com sucesso.*

*Gostaria de agradecer também a **Acleísia** pela grande liderança que fez no decorrer desses anos, sempre foi uma grande amiga e sempre estava disposta em ajudar qualquer colega da turma. Agradecer ao bonde das burguesas **Acleísia**, **Karen**, **Diohanna**, **Beatriz Freitas** e **Isabely Batista** por todos os momentos de distrações, brincadeiras, gargalhadas, palhaçadas e por todos os trabalhos que realizamos com sucesso.*

*Agradecer ao **Aroldo**, **Hermínio**, **Renner**, **Thiago**, **Samir** e **Jakson**, por todos os momentos engraçados e por todas as brincadeiras que eu fazia com vocês. Agradecer a **Karina Rolim** e a **Sandrele Pantoja** por todos os puxões de orelha e por todos os conselhos que me repassaram e por todas as brincadeiras de mau gosto que tínhamos uns aos outros vocês foram fundamentais nessa trajetória. Agradecer ao **Wingles Thaylor** meu co-orientador e a **Beatriz Marinho** pela grande amizade que temos, por todas as brincadeiras com a **Thayla Gabriela** e pela grande companhia no estágio.*

*Gostaria de agradecer também a minha orientadora **Georgina Vasconcelos** por todas as orientações e por todos os ralhos que me deu.*

*Agradecer a **Edilene** por sempre nos ajudar e tirar nossas dúvidas nos momentos que mais precisamos.*

*E por fim, agradecer a todos os **professores** do colegiado que contribuíram arduamente na minha formação acadêmica.*

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado: Desafios e dificuldades das práticas metodológicas dos professores que trabalham com TEA no ensino fundamental I: buscou investigar os desafios e as dificuldades do professor TEA. Fundamentado em autores como Barbosa (2006), Bastos (2001), Fiorini (2011), (Kubaski, 2014), Sasaki, (2002), Teixeira (2009), que direcionaram a base teórica deste estudo que foi realizada na Escola Municipal Irmã Cristine no município de Parintins. Também recebeu um viés qualitativo tendo seu embasamento metodológico pautado no método fenomenológico para darmos conta de analisar os desafios enfrentados pelos professores TEA em sua prática pedagógica, também utilizamos a pesquisa bibliográfica, a observação participante com base na análise de dados obtido por meio de entrevistas entre quatro (4) professores TEA que atuam ativamente na escola e que serviram de sujeitos para esta pesquisa. Com base nos dados pesquisados pretende-se, que o trabalho incentive outros pesquisadores a se aprofundarem sobre a temática para realmente compreender os desafios enfrentados por esses professores e as metodologias utilizados no processo de ensino do aluno autista, pois o mesmo, necessita e tem direito de ter uma educação justa e de qualidade.

**Palavras- chave:** Desafios e Dificuldades. Professor TEA. Práticas Metodológicas.

## ABSTRACT

This course completion work entitled: Challenges and difficulties of methodological practices of teachers who work with TEA in elementary school I: sought to investigate the challenges and difficulties of the TEA teacher. Based on authors such as Barbosa (2006), Bastos (2001), Fiorini (2011), (kubaski, 2014), Sasaki, (2002), Teixeira (2009), who directed the theoretical basis of this study that was carried out at the Municipal School Sister Cristine in the municipality of Parintins. It also received a qualitative bias, having its methodological basis based on the phenomenological method to be able to analyze the challenges faced by TEA teachers in their pedagogical practice, we also used bibliographical research, participant observation based on the analysis of data obtained through interviews between four (4) TEA teachers who work actively at school and who served as subjects for this research. Based on the researched data, it is intended that the work encourage other researchers to delve into the subject to really understand the challenges faced by these teachers and the methodologies used in the teaching process of the autistic student, because the same needs and has the right to have a fair and quality education.

**Keywords:** Challenges and Difficulties. Teacher TEA. Practices Methodologies.

**LISTA DE SIGLAS**

TEA	Transtorno do Espectro Autista
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
TDP	Projeto de Força Térmica
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ABA	Análise Aplicada do Comportamento
PECS	O Picture Exchange Communication System- é um sistema de comunicação que ressalta a relação interpessoal
TEACCH	Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children - é um modelo de intervenção que exige toda a estruturação do espaço em prol das aprendizagens
TA	Tecnologia Assistiva
AEE	Atendimento Educacional Especializado
AVD	Atividades da Vida Diária

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>22</b>
1.1 Autismo: contexto geral, concepções e características.....	22
1.2 Concepção dos professores sobre a aprendizagem do aluno com TEA .....	24
1.3 Metodologias utilizadas pelo professor no processo de ensino aprendizagem do aluno com TEA .....	27
1.4 Dificuldades e desafios enfrentados pelo professor no ensino de alunos com TEA.....	33
<b>CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>44</b>
3.1 A concepção dos professores sobre a aprendizagem do aluno autista .....	45
3.2 Metodologias utilizadas no processo de ensino aprendizagem do aluno TEA.....	47
3.3 Dificuldades dos docentes ao trabalhar com alunos TEA .....	51
3.4 Desafios na práxis do professor TEA .....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado Desafios e dificuldades das práticas metodológicas dos professores que trabalham TEA no ensino fundamental I, discute as metodologias utilizadas pelos professores para ajudar as crianças com autismo a terem direito a uma educação de qualidade, e ao processo de inclusão, bem como refletir sobre os principais desafios que esses docentes enfrentam na busca por uma aprendizagem significativa desses alunos. Tendo como objetivo geral, investigar as metodologias aplicadas pelo professor de crianças autistas no ensino fundamental I, na escola Municipal Irmã Cristine no Município de Parintins.

O interesse por este estudo surgiu a partir das observações realizadas durante o período estágio II, do ensino fundamental I, onde vivenciei experiências em que a professora não incluía o aluno autista nas atividades em sala de aula, assim diante desta inquietação surge a problemática: as metodologias aplicadas pelos professores em sala de aula são essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem da criança autista no ensino fundamental?

Desta problemática surgiram questões que necessitavam ser respondidas: Qual a concepção dos professores sobre a aprendizagem dos alunos com TEA? Que metodologias são utilizadas no processo de ensino aprendizagem do aluno TEA? Quais as dificuldades e os desafios enfrentados pelo professor no ensino de alunos com TEA?

Para melhor entendimento e aprofundamento sobre a problemática, essas questões foram desmembradas nos seguintes objetivos: averiguar as concepções dos professores sobre a aprendizagem do aluno com TEA; mapear metodologias utilizadas pelo professor no processo de ensino aprendizagem do aluno; analisar as dificuldades e os desafios encontrados pelo professor no ensino de alunos com TEA.

Há muitos anos que debatemos como ajudar os alunos com deficiência e também procuramos respostas sobre a melhor estratégia metodológica para uma ação pedagógica adequada que permita às crianças especiais o direito a uma educação de qualidade.

Quando se trata de alunos com autismo, vemos uma grande preocupação (medo, ansiedade) por parte dos professores e alguns até resistem em trabalhar com tais alunos, com insegurança de como fazer? O que você deve fazer? Muitas dessas dificuldades me levaram a empreender este trabalho, abordando questões-chave do professor e do autismo em sala de aula.

Diante do que foi abordado este trabalho pretende responder, analisar e refletir sobre a temática em questão, desta forma ele está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo discute a base teórica que fundamenta a pesquisa abordando a partir das teorias dos autores

consultados os Transtornos do Espectro do Autismo; Averiguar a concepção dos professores sobre a aprendizagem do aluno com TEA; Mapear as metodologias utilizadas pelo professor no processo de ensino aprendizagem do aluno com TEA; Analisar as dificuldades e os desafios enfrentados pelo professor no ensino de alunos com TEA

No segundo capítulo apresentamos o percurso metodológico que direcionou este estudo ressaltando os principais métodos utilizados. O terceiro capítulo apresenta a análise dos resultados obtidos através da pesquisa de campo, e por fim tecemos nossas considerações sobre toda a trajetória investigativa do referido tema.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para futuros pesquisadores e professores que enfrentam dificuldades e desafios diários, no processo de ensino aprendizagem do aluno autista.

## CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 Autismo: contexto geral, concepções e características

Quando falamos em integrar alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), usaremos primeiro o termo introduzido por Bleuler em 1911. Já em 1943, Leo Kanner dizia o seguinte: “Crianças com autismo vivem isoladas, carecem de linguagem, são obcecadas por certos sons e objetos, padrões e ecos”. Com base nesses estudos, ele distinguiu as síndromes autistas em sua publicação, o que levou à designação de “Transtornos do Toque Autista” (Kanner, 1943).

Ao longo dos anos, muitos estudos foram realizados sobre o autismo e outros aspectos observados nessas pessoas. Segundo David (2012), o autismo foi classificado pela primeira vez no DSM III (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) 59 e no DSM-IV, classificando o autismo como um transtorno invasivo do desenvolvimento (TDP). Em 2013, o autismo ganhou uma nova classificação, sob a CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), com 60 doenças incluídas no grupo TEA, enquadrando-se no DSM-5. Ele classifica o autismo em áreas de desenvolvimento: “habilidades recíprocas de interação social, habilidades de comunicação e a presença de comportamentos e interesses restritos” (Kubaski, 2014, p. 15). Condizente a essas características, Santos (2011) enfatiza que cada autista expõe seus comportamentos de maneiras diferentes, bem como sintomas variados de leve a grave.

De acordo com as pesquisas realizadas detectamos os três graus do autismo, sendo eles o nível 1, que é considerado a necessidade de pouco apoio, o nível 2, que é considerado a necessidade moderada de apoio, e o nível 3 que necessita muito de apoio substancial. A expressão “graus de Autismo” faz parte do processo de diagnóstico para muitas famílias quando investigam ou realmente descobrem que uma pessoa tem autismo leve, moderado ou grave. No entanto, embora esta seja uma forma encontrada para simplificar as coisas pelos especialistas, é justo dizer que as pessoas com autismo têm diferentes níveis de cuidados, dependendo dos critérios definidos pelo livro de diagnóstico.

Temos também Hans Asperger que, a partir das observações feitas na Clínica Pediátrica Universitária de Viena em crianças, lugar onde atendia, publicou, em 1944, que essas crianças foram identificadas desde o início de suas vidas, algumas características do autismo como: “dificuldades de comunicação e interação, isolamento, padrão restrito e repetitivo de interesses

que não são tão graves a ponto de interferir significativamente no desenvolvimento cognitivo ou na linguagem” (Albuquerque, 2011, s/p).

Além dessas características, as crianças com TEA também podem apresentar: dificuldade de compreensão de metáforas e ambiguidade (interpretação literal de frases), evitação de contato visual, estresse ao mudar rotinas, dificuldade de interpretação de sinais (expressões faciais, expressões verbais), ecolalia (repetição de palavras e frases), comportamentos motores repetitivos (pular, balançar, movimentar os dedos e as mãos, bater palmas, etc.).

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento que apresenta no indivíduo durante toda a vida tendo como seus sintomas o comportamento que podem ser observados no início da infância próximo aos três anos de idade. Nós sabemos que a escola tem buscado medidas facilitadoras para lidar com certas situações previstas, tais como: estagiários, cuidadores, e diversos educadores específicos para lidar com essas crianças, para isso as estratégias inclusivas devem estar sempre envolvidas com a comunidade escolar e os familiares dos alunos, pois é necessário que a instituição esteja preparada pedagogicamente para atender todas as especificidades dessas crianças.

As crianças com autismo apresentam diversos comprometimentos comportamentais, agindo com agressividade, choros, gritos, birras, risos inapropriados, movimentos repetidos, comunicação e interação social inadequada, desta forma vale salientar também que crianças com autismo tem seus comprometimentos comportamentais como hiperatividade e passividade, geralmente seres humanos autistas têm capacidades fenomenais acerca de uma situação específica como por exemplo capacidade de atenção e concentração restritas ou atitudes impulsivas e agressivas.

Várias características são notáveis no desenvolvimento de crianças com autismo, desde dificuldades de aprendizagem até superdotação em áreas específicas, pois, “crianças com autismo também podem ter inteligência normal [...] há também atraso na fala, mesmo quando algumas crianças com TEA falam corretamente” (Relvas, 2011 *apud* Lima, 2019, p. 16), falta de atenção e têm interesse limitado por determinados objetos.

Para melhor atender crianças com autismo, é necessário observar alguns aspectos pois as mesmas apresentam forte aptidão à depressão, podemos dizer que de certa forma é um fator psicológico que colabora diretamente para o distanciamento social.

Ao falarmos sobre a inclusão de crianças com autismo na escola devemos também pensar nos professores, pois estes devem estar qualificados e preparados para receber os alunos com suas dificuldades, sem fazer comparação ou até mesmo a exclusão, pois o professor é o

mediador nesse processo inclusivo promovendo então um contato inicial da criança com a sala de aula, sendo responsável também por incluir a criança com autismo em todas as atividades com a turma pois todos merecem uma educação igualitária.

## **1.2 Concepção dos professores sobre a aprendizagem do aluno com TEA**

Apesar do respaldo da legislação brasileira vigente (Brasil, 1996, 2014), ainda existem muitas fragilidades relacionadas à educação inclusiva e dificuldades em sua efetivação. Vários estudos destacam a necessidade de transformação nas áreas de estrutura, recursos, ideologia, treinamento e muito mais.

Os educadores apontam que o grande número de alunos em classe resulta em efeitos negativos no desempenho de uma boa sala de aula inclusiva. Os professores consideram que uma quantidade pequena de alunos possibilitaria maior aproximação das crianças que necessitam de auxílio mais intenso, e, como consequência, o trabalho seria mais cuidadoso. Acrescentam a importância de as escolas possuírem [...] a sala de recursos, os serviços de orientação educacional e o atendimento educacional especializados como importantes dispositivos para propiciar a escolarização (Paulon; Freitas; Pinho, 2005, p. 29).

Acerca disso, observamos que uma quantidade muito elevada de alunos em uma sala só, pode tornar então muitos pontos negativos, pelo fato de os professores de TEA não terem controle da grande demanda de alunos, seria mais acessível trabalhar com uma quantidade pequena de alunos, porque os professores teriam, mais tempo com o aluno que necessita de um auxílio mais intenso e de certa forma o trabalho seria mais cuidadoso e satisfatório.

Destacamos ainda que a sala de recursos em uma escola é fundamental para o processo de ensino aprendizagem do aluno com autismo, pois é o momento em que o professor especializado em educação especial irá mostrar seu desempenho, buscando metodologias e técnicas essenciais para que o aluno venha obter um ótimo desenvolvimento no seu processo de ensino.

Os estudos mostram diversos resultados com relação ao olhar do professor diante do aluno com deficiência. Alguns estudos destacam a visão positiva, outros a posição negativa e também há contradições. Embora não esteja completamente esclarecido o funcionamento dessas relações, há que se considerar a influência das variáveis pessoais dos professores refletidas em suas atitudes sociais em relação à inclusão, como a idade cronológica, período de experiência enquanto docente, experiência com Educação Especial, nível de escolaridade e até mesmo gênero. As pesquisas apresentam resultados diversos e contraditórios entre si, mas, em síntese, indicam que as atitudes sociais mais positivas estão associadas a [...] professores do gênero

feminino, mais jovens, com menos tempo de experiência docente no ensino comum, com nível mais baixo de escolaridade e com experiência no ensino de alunos deficientes (Omote; Fonseca-Janes; Vieira, 2014, p. 168).

O resultado dos estudos realizados nos mostram o olhar do professor a respeito do aluno com deficiências especiais, como já citado anteriormente, os estudos apontam que há visões positivas, visões negativas e contraditórias. É necessário levar em conta o funcionamento das relações e considerar as variáveis pessoais dos professores, situação de tempo de trabalho, experiências vivenciadas, experiências na educação especial e seu nível de escolaridade, sendo assim as pesquisas abordadas implicam que as atitudes sociais positivas são exclusivamente professores do gênero feminino, ou seja, professores recém formados com menos experiência e que ainda irá vivenciar muitas aprendizagens enquanto professor de educação especial, professores que se encantam com o trabalho, com o comportamento do aluno, o cuidado, processo de ensino, metodologias, dentre múltiplas situações a qual o mesmo se identifica. Portanto seria esses os motivos das atitudes sociais positivas adotadas por professores do gênero feminino.

Segundo Bastos (2001. p. 8), as professoras apresentam características relevantes no processo de integração, que podem refletir suas atitudes em relação aos alunos com necessidades educativas especiais. Normalmente, elas veem “[...] a educação escolar como uma extensão da educação dos filhos e um dever inerente à condição feminina” (Bastos, 2001, p. 51). Esse sentimento faz com que os educadores se coloquem no lugar dos pais, movimento que os faz enxergar a criança como aluno e, assim, tentar enfrentar a dificuldade.

Refletindo acerca das palavras de Bastos (2001. p. 8), podemos observar que a maioria dos professores que estão diretamente ligados à educação inclusiva são mulheres, apesar de haver homens, capacitados e preparados para lidar com o aluno autista, o percentual mais alto de professores são mulheres, essas mulheres têm suas particularidades muito relevantes nesse processo de inclusão, ou seja há de certa forma um amor, não só pelo trabalho que faz, mas também um sentimento, uma afetividade com os alunos, colocando-se então no lugar dos pais tentando então enfrentar as dificuldades que surgem no decorrer das atividades propostas.

Existem vários fatores que influenciam a atitude dos professores diante da inclusão escolar, como questões estruturais, materiais, curriculares etc. A capacitação para formação dos professores e as atitudes positivas e favoráveis diante da inclusão são fundamentais, embora, isoladamente, não proporcionem o sucesso neste processo de educação inclusiva. Faz-se necessário que os educadores obtenham materiais adequados, suporte de uma equipe com apropriação do tema e tornem-se pessoas comprometidas com essa causa (Omote; Fonseca-Janes; Vieira, 2014. p. 27).

O professor a qual está inserido na educação especial deve então ter de certa forma sua capacitação para desenvolver atividades com os alunos com autismo, ou seja, deve ter compromisso, interesse, responsabilidade e paixão pelo trabalho que faz, pois são crianças especiais a qual necessitam de um trabalho adequado, delicado e de muita atenção. Para que isso ocorra é necessário que o docente possa ter materiais adequados para trabalhar corretamente com esses alunos, um suporte da equipe pedagógica e força de vontade para ver de perto seu trabalho dando resultado no processo de desenvolvimento do aluno com TEA.

Entendemos que é necessário que o professor independente do gênero, feminino ou masculino venha ter atitudes positivas, pois devemos formar uma sociedade inclusiva onde a cada ano que passa o índice, e a demanda de alunos com autismo só aumenta, sendo assim quanto mais olhares positivos e professores qualificados para essa área será de suma importância para as crianças com TEA.

Fiorini (2011. p. 49) aborda essa questão em seus estudos ao mostrar que casos de alunos com dificuldades emocionais e comportamentais são percebidos pelos professores como os mais difíceis de trabalhar no processo de integração.

Considerando que a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais, especificamente de alunos com Transtorno do Espectro Autista, gera desafios no dia a dia da escola e que os professores desempenham um papel essencial em todo o processo, torna-se relevante aprofundar o conhecimento sobre as visões e posturas dos educadores em relação a esse assunto, pois essas podem influenciar suas práticas em sala de aula, sua relação com esses estudantes, assim como sua mediação de todo o processo de ensino e aprendizagem e das interações sociais no ambiente escolar.

De fato os trabalhos com crianças autistas, tornam-se muito complexos, pois são alunos com comportamentos e realidades completamente diferentes, por isso que é necessário ter docentes extremamente qualificados para trabalhar nessa área. Quando falamos em alunos com deficiência, há de certa forma um grande preconceito e muitos olhares negativos como: porque esse aluno frequenta a escola; ele não tem capacidade; é impossível que este aluno venha obter êxito em seus trabalhos, então são diversas questões a serem levantadas acerca do aluno com TEA.

Vale ressaltar que apesar de ser complexo trabalhar com crianças com transtornos, podemos dizer que nada o impede de realizar suas atividades, tudo é possível porém depende muito do professor e principalmente da família, a qual deve dar total suporte a escola e principalmente ao professor que trabalha para facilitar o desenvolvimento do aluno.

Para o professor, contudo, a inclusão extrema tende a ser mais prejudicial, especialmente para aqueles estudantes que possuem dificuldades de desenvolvimento mais

graves. Isso ocorre porque o aluno enfrenta não só desafios na aprendizagem, mas também é comum vivenciar situações de intimidação e outras formas de discriminação. A temática da integração é intrincada e estimula várias reflexões sobre qual é o tipo de integração que o estudante e sua família desejam e qual é a maneira de integração que o sistema educacional está disposto e preparado para assegurar.

Atualmente, as práticas eficazes que levam a resultados positivos são baseadas na comunicação e na formação de uma rede de suporte composta por professores, pais, organizações, acompanhantes, psicólogos e outros especialistas. Uma atitude de receptividade tanto por parte da equipe educacional como da instituição escolar é um aspecto favorável ao estabelecimento de estruturas que acolham e incentivem o progresso do estudante com Transtorno do Espectro Autista.

Os professores se sentem despreparados, faltam a estes uma melhor compreensão acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de trabalho. O professor, ao iniciar o processo de ensino-aprendizagem com crianças com autismo, deve procurar perceber certas reações, como recusa em interagir com outros pares, falta de comunicação, entre outras situações. Portanto, o professor deve estabelecer um bom relacionamento e afetividade com a criança contribuindo assim para a sua integração no meio social e educativo. Atualmente, essa linha teórica se preocupa com a busca de um sistema pedagógico do fenômeno da educação escolar. Nesse sentido, tornar a aula objeto de reflexão implica uma preferência pela relação professor-aluno (Monteiro, 2003. p. 50).

Todas as crianças devem estar entendendo os mesmos assuntos em sala de aula, podem ser feitas algumas modificações, mas os assuntos nunca devem ser distintos, ou seja não é necessário fazer atividades diferenciadas para os alunos, como cita Monteiro (2003. p. 50) cabe então ser feitas breves alterações para de certa forma facilitar um pouco mais o processo do aluno, portanto o assunto deve ser o mesmo, jamais fugir do tema proposta pela escola e deixar de seguir o plano da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

### **1.3 Metodologias utilizadas pelo professor no processo de ensino aprendizagem do aluno com TEA**

Métodos e ferramentas foram desenvolvidos para facilitar a aprendizagem de alunos com TEA e, portanto, seu processo de inclusão. Embora esses recursos não tenham sido originalmente criados para escolas regulares, nada impede que sejam utilizados para incluir crianças com TEA em classes regulares. Destacamos aqui ABA, PECS e TEACCH.

O ABA (Análise Aplicada do Comportamento) trata-se de um método que consiste basicamente em mudar os comportamentos inadequados por comportamentos funcionais positivos. Ele também pode ser usado de forma mais naturalista, com o Modelo Denver, que usa técnicas para reforçar dentro da própria atividade, para motivar a criança (Martins *et al.*, 2021). Conforme Silva (2012, p. 28): “Isso inclui oferecer oportunidades para as crianças aprenderem e praticarem. Melhorar as habilidades por meio de incentivos e reforço positivo, ou seja, recompensar cada comportamento executado corretamente”.

O método TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children) é um “modelo de intervenção que exige toda a estruturação do espaço em prol das aprendizagens” (Silva, 2012. P. 296).

O outro modelo de intervenção é o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras PECS que foi implementado pela primeira vez com alunos de pré-escola diagnosticados com autismo, no Programa de Autismo de Delaware. Desde então, o PECS foi implantado com sucesso em todo o mundo, com milhares de alunos de todas as idades com dificuldades cognitivas, físicas e de comunicação.

A pesquisa mostrou que alguns alunos que usam o PECS também desenvolvem a capacidade de falar, outros podem mudar para o uso da fonética. Este método varia desde “atividades básicas como um simples fato de ir ao banheiro, neste caso a criança é estimulada e oferece ao professor ou responsável por ela, a figura correspondente à ação desejada, facilitando assim, a comunicação entre ambas” (Martins *et al.*, 2021. p. 6).

Outra abordagem bastante utilizada é o ensino técnico, ou Tecnologia Assistiva (TA), conceito mais conhecido no Brasil, devido à estrutura atual e como pode auxiliar crianças com autismo na escola. A Tecnologia Assistiva (TA) é um termo utilizado para definir recursos e serviços disponíveis para pessoas com deficiência que proporcionem autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. De acordo com Martins (2021, p. 16):

A formação docente tem como principal objetivo a preparação dos profissionais do curso de licenciatura para ingressar no mercado de trabalho e assumir uma dimensão pedagógica fundamentada. No processo de formação inicial é possibilitada ao aluno de licenciatura uma reflexão baseada nos documentos legais e de aparato teórico que facilitem o entendimento dos casos e relatos encontrados no universo escolar, contribuindo assim para entender os problemas existentes.

Com isso, Silva (2012) reflete sobre os diferentes tipos de esgotamento que os professores sofrem hoje quando têm que lidar com vinte a trinta alunos em uma classe e ainda se preocupam com um aluno com necessidades especiais que lhes foi confiado. Ele também

aponta que “além do preparo técnico e pedagógico, os professores precisam de suporte psicológico e uma boa relação com as famílias para lidarem com os desafios da inclusão” (Silva, 2012, p. 112).

À medida que se conhece o TEA, se entende que alguns possuem um grau de hipersensibilidade bem elevado e isso lhe causa bastante sofrimento, pois, o que para nós é algo normal no dia a dia escolar, para eles poderá parecer insuportável, como falar alto ou simplesmente tocá-lo. Por isso, na escola, “os professores precisam estar atentos para esses sinais a fim de buscar diversas formas de promover a interação entre a criança com TEA e os demais da sala, propondo sempre atividades que favoreçam contato, sem forçar” (Martins, 2021).

O papel do professor nesse processo de envolvimento de um aluno com transtorno do espectro do autismo é de grande valia, pois o professor decide como conduzir o processo de aprendizagem do aluno, e qual a melhor forma de fornecer suporte para ele, pois quando um professor assume uma classe, a responsabilidade do ensinar ele pega para si, não somente aos alunos típicos.

Trabalhar com autismo nas escolas é um tema delicado e que gera muita polêmica. Finalmente, não há consenso sobre a melhor forma de integração. Se para alguns o ensino regular deve ser adaptado ao aluno com TEA, para outros a criação de estabelecimentos especializados é a melhor alternativa para o aluno se desenvolver.

Independentemente de o ensino ocorrer em escolas regulares ou especiais, é fundamental falar sobre aceitação, inclusão, respeito e falar sobre autismo. Falar abertamente é o primeiro passo para minimizar preconceitos, esclarecer questões e explorar possíveis soluções para inclusão.

Quando os direitos dos alunos com necessidades educacionais especiais foram reconhecidos internacionalmente e entraram em vigor, com o Brasil se tornando um país signatário, as práticas educacionais foram adaptadas para acomodar esses alunos nas escolas regulares.

As estratégias instrucionais para alunos com autismo foram revisadas e refinadas com base em uma pesquisa de melhores práticas bem-sucedidas e desenvolvidas. O mais relevante para a educação é baseado na teoria da análise comportamental.

O objetivo principal disso é ensinar comportamentos e habilidades aos indivíduos com dificuldades para que eles se tornem independentes e inseridos na comunidade. Para que isso seja possível, os profissionais utilizam técnicas para o desenvolvimento da comunicação, das habilidades sociais, de brincadeira, acadêmicas e de autocuidados (Figueiredo, 2014, p. 48).

Essas dificuldades e comportamentos dos alunos com TEA são comuns, por esses quesitos que os professores especializados entram em ação, ou seja, ficam ligados ativamente com esses alunos com intenção de fazer com que eles criem, habilidades para que possam ser independentes, e de certa forma serem inseridos em sociedade, mas vale ressaltar que para que os alunos possam ter êxito em seus trabalhos é necessário então que o professor utilize suas metodologias e técnicas, para que o aluno venha ter, um ótimo desenvolvimento em sua comunicação, habilidades sociais etc.

Em um estudo de caso realizado por Azevedo et al. (2021) no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental, constatou-se que um estudante com TEA, inicialmente bastante agressivo e com dificuldades de aprendizagem, apresentou evolução significativa tanto na convivência com outros colegas quanto na aprendizagem após o contato com material concreto.

Segundo Sena (2021), “é muito importante envolver crianças com TEA em atividades psicomotoras no ensino fundamental, isto porque atividades com esta característica favorecem o controle emocional e a consciência corporal da criança”. Alunos com transtorno do espectro autista (TEA) devem e necessitam serem inseridos em atividades psicomotoras, ou melhor, devem ser inseridos em qualquer movimento, ação e atividades realizadas na escola.

Como já citado, o trabalho com material concreto é de suma importância para o processo de ensino do aluno autista, no material estudado nota-se que há de certa forma uma evolução significativa no desenvolvimento do aluno, pois no início o aluno, demonstrava agressividade, mau comportamento e dificuldades de aprendizagem, sendo assim houve portanto uma evolução a partir do momento em que o docente utilizou seus métodos e técnicas com materiais concretos, despertando no aluno curiosidades onde o mesmo não só observava mas também o tocava.

De acordo as pesquisas realizadas, observamos que um dos pontos principais, é a desigualdade, a exclusão de crianças que precisam estar inseridas em atividades físicas. A desigualdade é muito comum na contemporaneidade, ocorre com crianças, adolescentes, jovens e adultos independente de gênero. Sendo assim imaginemos uma criança autista sendo separada ou excluída por uma grande quantidade de crianças que não portam as mesmas necessidades e dificuldades que ela, é de certa forma questões completamente desnecessárias e desastrosas.

De acordo com Teixeira (2009, p. 59), a prática regular de atividade física acompanha-se de benefícios que se manifestam sob todos os aspectos do organismo. Do ponto de vista musculoesquelético, auxilia na melhora da força e dos tónus muscular e da flexibilidade, fortalecimento dos ossos e das articulações.

A atividade física também é fundamental para crianças autistas, e a natação é um dos esportes mais indicados e importantes para as crianças começarem a praticar desde cedo, pois desenvolve as funções de todo o corpo, porque ajuda a estimulação motora proporcionado pelo ambiente aquático. Contudo melhora a coordenação física, equilíbrio, flexibilidade e alinhamento transversal, bem como espacial e alinhamento corporal. Teixeira (2013, p. 181), afirma que às atividades esportivas e de psicomotricidade auxiliam muito no desenvolvimento de habilidades motoras e de consciência corporal, melhoram a autoestima, estimulam a socialização e aumentam a inclusão dessas crianças em eventos escolares e sociais.

Seguindo a linha de raciocínio de Teixeira (2013, p. 181), podemos observar o quão é fundamental trabalhar atividades esportivas com crianças autistas, elas necessitam de habilidades, socialização, e principalmente ter autoestima, devem se sentir bem consigo mesmas, todavia a criança com transtornos do espectro autista- TEA adquire suas habilidades motoras e a socialização através desse contato com as práticas esportivas, pois se relacionam com crianças de outras classes com realidades completamente diferentes, sendo assim é fundamental está em contato com outros alunos pois de certa forma é um momento de interação, socialização independente do ambiente e lugar a qual está inserido.

Santos (2008, p. 30), aponta que “o nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno”. Considerando a idade global, fornecida pelo desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas.

A escola de ensino é um ambiente extremamente encorajador especialmente para crianças com TEA, no entanto não apenas a quantidade deles, pois não adianta apenas ter um ambiente que encoraje, se o educador não sabe utilizar esses estímulos com a criança, e isso não apenas para crianças especiais, mas sim para alunos não convencionais. Vale ressaltar que, para instruir um indivíduo com autismo é necessário também incentivar sua inclusão social e, nesse aspecto, a instituição de ensino é, indubitavelmente o primeiro passo para que ocorra essa integração, sendo viável por meio dela a obtenção de conceitos relevantes para o decorrer da existência.

De acordo com Sasaki (2002, p. 23), o professor inclusivo prepara suas aulas e desenvolve suas atividades em sala de aula, respeitando a diversidade humana e as diferenças individuais de seus alunos. Acrescentando a isto o cuidado de propiciar condições para o

atingimento dos objetivos individuais, o professor leva em consideração também a participação ativa dos alunos em todos os aspectos da vida escolar.

O docente deve buscar facilitar a melhor maneira de seu trabalho, por isso deve examinar cada situação de seus estudantes para que dessa forma sejam praticadas suas disparidades, e alcançando assim de ambas as partes o máximo aproveitamento e desempenho educacional de seu aluno especial.

As discussões sobre a relevância dessas atividades para habilidades de alfabetização podem ajudar a reconhecer sua importância para crianças com TEA, que também precisam de motivação contínua para desenvolver suas competências e habilidades. É importante, no entanto, acompanhar a evolução da criança com TEA, em relação ao seu nível de aquisição de escrita, para propor atividades adequadas, dentro do ambiente inclusivo.

Podemos pensar que as atividades recreativas com crianças com TEA podem estimular a alegria de aprender, a autoconsciência e aumentar a autoestima e a autoconfiança da mesma. Piaget (1979) considera que as atividades lúdicas são fonte de significação, na medida em que a criança tem a possibilidade de explorar e manipular materiais variados, passando a reinventar sua realidade, reconstituindo suas vivências e atribuindo significado as suas experiências, transformando essas atividades (concreto) em linguagem escrita (abstrato) e, assim, evoluindo em seu desenvolvimento educativo.

Para Cunha (2016, p. 93) “abordar práticas pedagógicas voltadas para a inclusão do aluno autista e apoia a ideia de que esse aluno tem capacidade de atuar no contexto da sala de aula, exercendo as funções de sujeito participativo e reflexivo”. O autor ainda salienta as áreas da aprendizagem do aluno que podem ser desenvolvidas em atividades específicas:

*Memória, concentração e equilíbrio*: em atividades que estimulem a organização do material de trabalho ;*Socialização, direitos e deveres*: em exercícios que trabalhem limites e vida prática; *Organização do pensamento* e da linguagem: na ordem de execução das atividades; *A internalização* do papel do aprendiz no aluno: em atividades que valorizem a escola e os seus atores; *Socialização, alteridade, afetividade e inclusão*: em atividades com a participação do grupo discente, em atividades de vida prática e durante as refeições com demais alunos.

À medida que se conhece o TEA, se entende que alguns possuem um grau de hipersensibilidade bem elevado e isso lhes causa bastante sofrimento, pois, o que para nós é algo normal no dia a dia escolar, para eles poderá parecer insuportável, como falar alto ou simplesmente tocá-lo. “Por isso, na escola, os professores precisam estar atentos para esses sinais a fim de buscar diversas formas de promover a interação entre a criança com TEA e os

demais da sala, propondo sempre atividades que favoreçam contato, sem forçar” (Martins, 2021).

#### **1.4 Dificuldades e desafios enfrentados pelo professor no ensino de alunos com TEA**

O autismo tem algumas características comuns, mas são muito diferentes. Portanto, é importante considerar as necessidades de cada criança individualmente no processo de aprendizagem. O papel dos professores é essencial para garantir a inclusão acadêmica de alunos com TEA.

No entanto, os professores enfrentam desafios no processo de ensino de crianças com autismo. Sendo necessário presenciar as dificuldades para criar condições ideais de aprendizado para seus alunos.

Os comportamentos atípicos que caracterizam esta síndrome se manifestam de maneira heterogênea com diferentes níveis de gravidade. Podemos encontrar crianças que falam e outras que não falam; crianças sem nenhum tipo de contato social e outras com relacionamento atípico; além disto, algumas crianças podem apresentar retardo mental e outras quociente intelectual dentro da variação média normal (Lampreia, 2004, Bejerot, 2007. p. 352).

Esta heterogeneidade é que impulsiona o clínico em busca de instrumentos sensíveis e específicos para ajudar no diagnóstico diferencial e na identificação de diferentes problemas que as crianças com autismo podem apresentar (Matson & cols., 2006; Williams & Brayne, 2006. p. 143).

Certos comportamentos manifestados pela criança podem levar aos familiares e profissionais, principalmente pediatras. Uma criança com autismo não responde pelo nome, não olha para o interlocutor, não segue o olhar. Eles não percebem o som de chocalho quando são sacudidos e sua fala é visivelmente atrasada. Quando querem algo, eles se jogam no chão, mordem, batem a cabeça ou atacam e mordem o cuidador.

A comunicação verbal é um grande desafio para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Eles podem ter um desenvolvimento lento da linguagem, ou ter dificuldade em entender a linguagem falada. Muitas vezes, as crianças com TEA não entendem que a comunicação oral é um processo bidirecional que envolve contato visual, expressões faciais, gestos e palavras. Este aspecto precisa ser levado em consideração para desenvolver as habilidades linguísticas das crianças.

Ou seja, é possível interagir e se comunicar por meio de gestos com autistas, porém necessita de sensibilidade e percepção no momento da interação. A linguagem e as formas de

se expressar não podem ser consideradas apenas como um ato verbal, mas que necessita de um jogo imaginativo (Braga; Rossi, 2016). De acordo com Cruz (2018), essa interação consiste num modo multimodal pois se apoia na constituição da comunicação por diversos meios, incluindo os gestos como fonte de comunicação.

Sob esta observação, o desenvolvimento dessa comunicação se relaciona com a aprendizagem de forma intrínseca, avançando ao utilizar-se dos processos de linguagem e das formas de se expressar, visto que “[...] aquilo que foi adquirido por meio da relação entre os indivíduos em uma dada cultura, torna-se, em certo momento, uma capacidade do próprio sujeito, que, após internalizá-la, será capaz de utilizá-la de forma mais elaborada que a anterior” (Braga; Rossi, 2016, p. 3). Desta forma, a aprendizagem eleva-se a níveis que exprimem “saltos qualitativos não lineares”, de um nível ao outro, interferindo nas funções psíquicas superiores do sujeito (Braga; Rossi, 2016, p. 4).

Pensando nos desafios enfrentados para incluir com qualidade uma criança com TEA no espaço escolar, é fundamental refletir sobre a importância do prazer e da motivação para atingir o aprendizado de tal criança, pois, quanto mais divertida e interessante for a tarefa, maior será o tempo de engajamento da criança (SANTOS, 2016).

Embora existam desafios relacionados às características dos alunos com TEA, questões relacionadas ao processo de inclusão escolar também estão entre os maiores desafios enfrentados pelos professores. Os recursos disponibilizados e a presença de outros alunos com deficiência em sala de aula fazem parte desses desafios.

Um recurso é um elemento que contribui com algum benefício para a sociedade. Em uma economia, os recursos são fatores que geram valor na produção de bens e serviços. Na perspectiva da economia clássica, são eles: capital, terra e trabalho.

Chavienato (2009, p. 124) diz que “as políticas de recursos humanos referem-se às maneiras pelas quais a organização pretende lidar com seus membros, e, por intermédio deles, atingir os objetivos organizacionais” Essas condições permitem o alcance dos objetivos pessoais e variam de acordo a cada organização.

Normalmente, os professores não têm serviços de educação especializada (AEE) na escola, conforme exigido por lei. Muitas pessoas não têm um assistente ou cuidador para ajudá-las quando necessário, o que é essencial para uma integração efetiva.

As dificuldades de socialização dos alunos com TEA também fazem parte dos desafios da carreira escolar dessas crianças. Manifestam-se nas relações entre professores e alunos, entre alunos e colegas, que são um grande obstáculo e causam frustração aos professores.

Segundo Piaget (1973, p. 424) “o homem não é social da mesma maneira aos seis meses, ou aos vinte anos de idade, e, por conseguinte, sua individualidade pode não ser da mesma qualidade, nesses dois diferentes níveis”.

Fica clara a presença inevitável de relações sociais que interferem no desenvolvimento humano. Então nessa atividade percebemos que a socialização é uma realidade construída, com regras estabelecidas, crianças trocando experiências umas com as outras. Essas experiências permitem que eles aprendam, enriqueçam seus conhecimentos e, portanto, desenvolvam aspectos cognitivos e comunicativos.

O planejamento e sistematização do ensino e avaliação do processo de aprendizagem de alunos com TEA é um aspecto essencial da inclusão. No entanto, os professores têm dificuldade em realizar tarefas com alunos autistas.

De acordo com Santana (1995, p. 77), “o planejamento educacional pode ser caracterizado como processo contínuo que se preocupa para onde ir e quais maneiras de chegar lá, tendo em vista a situação presente e possibilidades futuras, que atenda às necessidades da sociedade”. Sob o ponto de vista anterior, pode-se entender que o planejamento de ensino é um processo de tomada de decisão relacionado à atuação específica do professor em seu trabalho pedagógico cotidiano, relacionado a ações e situações em sala de aula.

Interações frequentes entre professores e alunos e entre próprios alunos. Essa dificuldade está, em parte, relacionada ao pouco conhecimento dos professores sobre as características do TEA, o que dificulta o trabalho com esses alunos em sala de aula, tanto na instrução quanto na avaliação é fundamental orientar os professores em cursos de capacitação sobre estratégias e recursos para o processo de aprendizagem de alunos com TEA.

A necessidade de uma rotina organizada e difícil de mudar pode ser um desafio ao enviar uma criança com autismo para a escola, por exemplo, os alunos podem ter dificuldade em alternar entre atividades e organizar materiais. De acordo com Barbosa (2006, p.35), “uma rotina adequada torna-se um instrumento facilitador da aprendizagem, ela permite que a criança estruture sua independência e autonomia, além de estimular a socialização”. Assim uma rotina focada em crianças com TEA pode ajudá-las a progredir no social, cognitivo e flexível no planejamento das atividades possuem resultados muito positivos.

Quanto à importância da rotina no ensino fundamental, isso decorre de sua capacidade de formar uma visão de cuidado com as crianças com menos de seis anos. Os hábitos fazem parte da vida de todos, e quando se trata de crianças com TEA, o uso do tempo, a sequência de ações, o plano diário, a rotina diária, o dia da atividade e outras coisas são importantes.

No Brasil, a integração de crianças com necessidades especiais é regulamentada por lei e pelo Estatuto da Criança e do adolescente. Mas para encontrar a melhor maneira de transpor o autismo, precisamos discutir os desafios de educar crianças com autismo. Em retrospecto, este tópico irá abordar os desafios enfrentados pelos professores e levantar questões para tornar a educação inclusiva e efetiva. Crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) apresentam desenvolvimento atípico em termos de comunicação, interação social e comportamentos repetitivos.

A inclusão existe nas escolas quando os professores percebem que estão introduzindo práticas educativas diferenciadas para alunos com autismo no ambiente escolar e criando ferramentas que promovam o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa para esse aluno.

As ações que apresentam sucessos em sistemas inclusivos mostram que é imprescindível alterações em suas práticas passando desde diminuição do número de alunos por classe, [...], plano individual de ensino, melhoria da formação profissional [...], com uma pedagogia centrada na criança baseada em suas habilidades e não em suas deficiências, e que incorpore conceitos como interdisciplinaridade, individualização, colaboração e conscientização/sensibilização. (Capellini, 2001 *apud* Praça, 2011, p. 58).

A formação especializada para apoiar os alunos com necessidades especiais é essencial, e a formação de professores fornece estratégias pedagógicas para permitir que esses alunos aprendam em seu próprio ritmo e interajam dentro da escola. Booth e Ainscow (2000 *apud* Kubaski, 2013, p. 24) faz uma abordagem neste conceito de inclusão:

1 Presença: sem classes separadas ou outra segregação, se o aluno participa de práticas conjuntas ou separadas de seus colegas, como a frequência desse aluno na escola, o local que esse aluno está inserido, correspondência entre o ano escolar e a idade cronológica. 2. Participação: qualidade de experiências educacionais; tais como o engajamento do aluno em atividades conjuntas. 3. Aceitação: pelos professores, colegas e equipe da escola, ou seja, relação com colegas, professores e demais funcionários da escola, melhores amigos, quem o auxilia, quem ele busca. 4. Aprendizagem: ganhos acadêmicos, emocionais e sociais, por exemplo, como é realizada a avaliação desse aluno, principais recursos e dificuldades, etc.

É compreensível que envolver um aluno com autismo em sala de aula requer um conjunto de conhecimentos em metodologias para entender esse aluno em vários aspectos da vida escolar e da educação. Também podemos entender que cada aluno tem um ritmo em sala de aula e o professor deve escolher o melhor método de aprendizagem para esse aluno.

Para ensinar a turma toda, parte-se do fato de que os alunos sempre sabem alguma coisa, de que todo educando pode aprender, mas no tempo e do jeito que lhe é próprio e de acordo com seus interesses e capacidades. Também é fundamental que o professor nutra elevada expectativa em relação à capacidade de progredir dos alunos e não desista nunca de buscar meios para de ajudá-los a vencer os obstáculos escolares. (Mantoan, 2015, p. 71).

Assim, o objetivo do nosso estudo é compreender o processo de ensino-aprendizagem deste aluno com diagnóstico de autismo numa escola regular. Através desta pesquisa vamos orientando para melhor a compreensão das práticas educativas dos professores que contribuem para as interações sociais dos alunos autistas no cotidiano escolar.

Os professores desempenham um papel muito importante na aprendizagem dos alunos autistas, mas devem monitorar os níveis de desenvolvimento, e as necessidades de seus alunos. As atividades sugeridas pelos professores devem ser as mais diversas possíveis.

Antes de sugerir uma atividade, o professor deve observar o comportamento do aluno, e ver o que interessa à criança, se a criança segue instruções simples, para sentada, como se senta na cadeira, como a criança se comunica por meio de sons, gestos, imitação, etc.

No caso das crianças com autismo, a escassez de estudos e a maneira Como se articulam pensamentos e linguagem na constituição desses sujeitos traz desafios para pesquisas que buscam compreender o processo de apropriação da leitura e da escrita por essas crianças autistas. (Santos, 2016, p. 55)

Os sistemas de trabalho representam uma importante estratégia para promover o desenvolvimento da motivação para o desempenho do aluno e a capacitação para realização de tarefas nas etapas iniciais, intermediárias e finais.

A educação das pessoas com autismo e outros transtornos profundos provavelmente exige mais recursos do que são necessários em qualquer outra alteração ou atraso evolutivo. Às vezes embora ocorram aquisições funcionais e um abrandamento dos traços autistas, os progressos são muito lentos. Aparentemente, podem ser mínimos quando comparados ao quadro de desenvolvimento normal. (Riviére, 2004, p. 254)

A informação visual é de extrema importância, pois desempenha um papel fundamental devido à sua natureza perceptiva e concreta. Inicia então primeiramente com os objetos, depois use fotos e imagens para ajudá-lo a entender visualmente e expressar suas declarações, instruções, pedidos diários, etc. Na verdade, as instruções visuais podem ser apresentadas das mais diversas e criativas formas, como por meio de cores, imagens, desenhos, e letras.

## CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo é de certa forma dedicado ao desenvolvimento da pesquisa, onde permitirá uma exposição detalhada acerca dos passos seguidos e quando será executado e realizado. Por tanto damos crédito ao leitor pela formulação e desenvolvimento de cada estudo, seu entendimento e compreensão.

A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados. (Bruyne, 1991 p. 29).

A Metodologia indica os passos por onde o pesquisador deve caminhar para condução da investigação científica. Conforme Thiollent (2000, p. 25) a metodologia lida com a “avaliação de técnicas de pesquisa e com a geração ou a experimentação de novos métodos que remetem aos modos efetivos de captar e processar informações e resolver diversas categorias de problemas teóricos e práticas da investigação”.

Para Fonseca (2002, p. 49), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Segundo Strauss e Corbin (1998, p. 91), o método de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizadas para se coletar e analisar os dados. O método fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, ou seja, são as “ferramentas” das quais fazemos uso na pesquisa, afim de responder nossa questão. Gil (1996, p. 19), define pesquisa como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

O ato de pesquisar para Barros (2002, p. 29) é “o esforço dirigido para a aquisição de um determinado conhecimento que propicia a solução de problemas teóricos, práticos e/ou operativo; mesmo quando situados no contexto do dia- a- dia do homem”.

A Natureza do estudo é de cunho qualitativo, pois é expressa pelo desenvolvimento de ideias a partir de fatos ou opiniões, e pela compreensão e interpretação indutiva decorrente dos

apanhados relacionados ao problema da investigação. A pesquisa qualitativa, para Merriam (1998), envolve a obtenção de dados descritivos na perspectiva da investigação crítica ou interpretativa e estuda as relações humanas nos mais diversos ambientes, assim como a complexidade de um determinado fenômeno, a fim de decodificar e traduzir o sentido dos fatos e acontecimentos. Nas palavras de Brandão (2001):

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa *interpretativa* (Brandão, 2001, p.13).

Nesta perspectiva, Gil (1999, p. 224) menciona que a pesquisa qualitativa é subjetiva ao objeto de estudo, ergue-se sobre a dinâmica e abordagem do problema pesquisado e visa descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes de um sistema complexo de significados, sem se preocupar com a mensuração dos fenômenos, pois permeia a compreensão do contexto no qual ocorre o fenômeno.

O tipo de abordagem é fenomenológica, pois o pesquisador se preocupa em mostrar e esclarecer o dado. Nenhuma tentativa é feita para explicar por lei ou para concluir a partir de princípios, e o que está presente na consciência do sujeito é levado diretamente em conta. O pesquisador não está interessado no mundo como ele existe, nem em conceitos subjetivos, nem nas atividades do sujeito, mas em como o conhecimento do mundo surge, ocorre e se realiza para todos os seres humanos.

A fenomenologia é definida por King (2001, p. 109) como “o estudo das formas como algo apareceu ou se manifesta, em contraste com estudos que procuram explicar as coisas a partir de relações causais ou processos evolutivos” A forma como algo se manifesta é o que se chama de fenômeno.

Husserl (1992, p. 88) afirma que a atitude natural, não fenomenológica, faz o homem olhar o mundo de maneira ingênua como mundo dos objetos. A fenomenologia, ao contrário, busca uma fundamentação totalmente nova, não só da filosofia, mas também das ciências singulares. Enquanto as ciências positivas consideram os objetos como independentes do observador, a fenomenologia tematiza o sujeito, o eu transcendental, que coloca os objetos.

Para Husserl (1992, p. 31), a fenomenologia é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade de conhecimento,

o é na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais

Quanto ao tipo da pesquisa é bibliográfica. A pesquisa científica inicia-se com a pesquisa bibliográfica, na qual o pesquisador busca trabalhos previamente publicados relevantes para o conhecimento e análise do tema problema da pesquisa a ser realizada. Isso nos ajuda muito pois é feito com o objetivo de identificar se já existe um trabalho científico sobre o tema da investigação a ser realizada e de colaborar na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso é possível com base em trabalhos já publicados. Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas

A pesquisa bibliográfica é fundamental para a construção da pesquisa acadêmica porque possibilita o conhecimento e é o fenômeno mais bem estudado. Os instrumentos usados na performance dos estudos bibliográficos são: livros, artigos, memórias, anuários, dissertações, resenhas, leis e outros tipos de fontes já publicadas.

Para Severino (2007. P. 119): “a pesquisa bibliográfica realiza-se pelo registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

Para este estudo utilizamos a entrevista semiestruturada e a observação. A entrevista semiestruturada consiste em um modelo de entrevista flexível. Ou seja, ela possui um roteiro prévio, mas abre espaço para que o candidato e entrevistador façam perguntas fora do que havia sido planejado. Dessa forma, o diálogo se torna mais natural e dinâmico. Conforme a explicitação de Manzini (2004, p. 2):

[...] a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Formulou-se um roteiro de entrevista semiestruturada para investigar a concepção, em relatos dos docentes, sobre o espectro do autismo. Neste sentido, o estudo teve como foco os profissionais de alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, que tivessem em suas classes alunos com Transtorno do Espectro do Autismo.

O estudo também com pesquisa de campo, teve como proposta o início de um contato direto com os sujeitos da investigação, por meio da entrevista semiestruturada com professores do ensino regular, da escola municipal Irmã Cristine do Ensino Fundamental no município de Parintins. Essas entrevistas foram realizadas individualmente com os professores.

Para Triviños (1987. P. 122) “a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador”.

Nos apropriamos do método de investigação por meio da observação que é uma atividade normal e muito comum a todos. Agimos, observamos paisagens, pessoas e disso extraímos muito do que sabemos. O ato de observar é comum a todos e também pode ser um método de coleta de dados científicos. A observação para fins científicos é muito mais do que ver e ouvir, trata-se de aprender além do que é dito, examinando as entrelinhas da linguagem, do comportamento e até mesmo nos momentos em que o sujeito nada diz, mas suas ações por si falam.

Uma ação simples, mas que requer cuidados ao ser feita. Assim a observação como método de coleta de dados, sobretudo na escola, poderá ser feita pelo próprio professor ou mesmo por um observador de fora. O grau de influência do observador tem que ser levado em consideração, pois sua presença pode modificar o contexto ou mesmo a situação a ser observada (Vianna, 2003).

De acordo com (Vianna 2003, p. 8) a observação poderá ser estruturada ou semiestruturada. A observação totalmente estruturada acontece em laboratório, onde normalmente todas as ações são controladas. As observações em campo são geralmente semiestruturadas e contam com check-list, e desse modo o pesquisador sabe exatamente o que vai observar no grupo, os aspectos mais significativos, traçando um planejamento para coleta e

registro das observações (Vianna, 2003). A observação não-estruturada é usada como técnica exploratória, em que:

O observador tenta restringir o campo de suas observações para, mais tarde, delimitar suas atividades, modificando, às vezes, os seus objetivos iniciais, ou determinando com mais segurança e precisão o conteúdo das suas observações e proceder às mudanças que se fizerem necessárias no planejamento inicial. (Selltiz *apud* Vianna, 2003, p. 27).

Considerando que a observação é o uso dos sentidos para obter certas informações sobre algum aspecto da realidade, ela pressupõe o rigor do método e a importância das regras e padrões pelos quais ela é estabelecida. Através desta técnica, procura-se a procura de provas concretas com base nas quais se possa reproduzir o fenômeno em estudo, obtendo-se o máximo de informação e compreensão do objeto analisado, o que, integrado com outras técnicas e ferramentas, torna uma abordagem mais dinâmica e fiel representação da compreensão da realidade observada.

Para Chalmers (2000) *apud* Bufrem, Freitas e Breda (2011, p. 2307) “a ciência se dá por meio de observação, forma de apreensão da realidade que permite a consolidação objetiva e mais próxima do real de um determinado contexto”. Entretanto, a objetividade propiciada pela observação sem intermediação, em que o pesquisador estabelece uma relação de proximidade com o objeto estudado, não apresenta critérios absolutos de cientificidade ou parâmetros de avaliação nas ciências humanas e sociais.

A percepção de um fenômeno por meio de instrumentos e técnicas adequadas que propiciem um conhecimento acurado sobre tal fenômeno, e seu registro pautado em critérios, mesmo que não absolutos, com objetivos definidos, caracteriza pesquisas com propósitos científicos em todas as áreas do conhecimento. É por meio do próprio processo de investigação, permeado pela trajetória metodológica moldada a uma melhor apreensão de seu objeto, que o pesquisador legitima a construção do conhecimento que produz.

No que se refere a coleta de dados para obtenção dos resultados nesta pesquisa, este processo ocorreu após a seleção e delineamento do tema, verificando, bibliografia, definição de objetivos, formulação de problemas e hipóteses ou pressupostos e identificação de variáveis. Durante esta fase, diferentes técnicas podem ser utilizadas, sendo as mais utilizadas entrevistas, questionários e observações, quando aplicadas as pessoas.

Segundo Gil (1996, p. 19), “a coleta de dados em um estudo de caso é baseada em diversas fontes de evidências. Para efeito de elaboração dessa pesquisa, foram utilizados os seguintes procedimentos: entrevistas e a técnica de observação participante”.

Para Cervo e Bervian (1996, p.8), “o questionário é a técnica mais utilizada na coleta de dados. De modo técnico o questionário é uma forma de obter respostas sobre um determinado tópico de forma que os respondentes forneçam informações sobre sua área de conhecimento”. O questionário consiste em uma série de perguntas ordenadas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador. Cervo e Bervian (1996) afirmam que todo questionário deve ser impessoal, para assegurar a uniformidade na avaliação de uma situação.

O contexto da pesquisa foi a Escola municipal Irmã Cristine e os sujeitos que participaram foram quatro professores.

### CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo destina-se a análise dos dados obtidos através das observações realizadas in lócus, bem como das respostas dos sujeitos emitidas através da aplicação das técnicas da coleta de dados. Esta pesquisa aconteceu na escola Municipal Irmã Cristine que está localizada, na rua João Pessoa Lopes (Rua 7) Nº 3990- Bairro Itaúna II- Zona urbana do Município de Parintins. Localizada em um bairro periférico, a instituição atende alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, nos horários matutino e vespertino, fazendo parte desse contingente de alunos matriculados cinco (5) alunos autistas, sendo três (3) matriculados no turno matutino e dois (2) matriculados no turno vespertino.

Por estar inserida em um bairro periférico da cidade a escola apresenta problemas que envolvem questões sociais e econômicas contribuindo para a vulnerabilidade educacional dos alunos, no que se refere as questões sociais, uma vez que alguns desses alunos não possuem acompanhamento familiar influenciando muito no processo de ensino do aluno.

Nossos sujeitos da pesquisa foram 4 professores TEA que atuam ativamente na educação inclusiva na referida escola, desenvolvendo suas atividades com alunos autistas. Nesta pesquisa iremos nos referir a eles por meio de nomes fictícios relacionados aos astros do sistema solar tais como os planetas Vênus, Marte, Saturno e Mercúrio preservando assim a identidade destes, afim de evitar qualquer tipo de constrangimento.

No que se refere a professora Vênus esta tem formação em licenciatura em Pedagogia e especialização em Educação Especial Inclusiva. Esta começou a trabalhar na Educação Inclusiva em 2021, e a mesma destacou que tem pouco tempo na área, mas se identificou e gostou muito de trabalhar com o público da Educação Inclusiva.

Já a professora Marte é Licenciada em Educação Física pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia- UFAM/ICSEZ e Pedagogia pela universidade particular UNOPAR- polo Parintins que trabalha a 7 anos na área.

Não muito diferente, o professor Saturno é Licenciado em Pedagogia pela Universidade do estado Amazonas CESP-UEA, está cursando curso de especialização de saberes e práticas de língua portuguesa e matemática e está fazendo sua pós graduação particular no cruzeiro do sul em educação especial e inclusiva (online). Atualmente está atuando a dois anos na área pois teve início em 2021.

A professora Mercúrio é licenciada em pedagogia, com pós graduação em Educação Especial Inclusiva, e atua a 7 anos como professora TEA.

### 3.1 A concepção dos professores sobre a aprendizagem do aluno autista

Ao falarmos de alunos TEA, muitos docentes, tem de certa forma muito receio, ou até mesmo medo de não conseguir fazer com que o aluno venha ter êxito em suas atividades, pelo fato de a aprendizagem desses alunos ser um pouco lenta e complexa. Para termos uma melhor compreensão sobre as concepções das aprendizagens, vamos explorar as falas dos professores (a) Vênus, Marte, Saturno e Mercúrio que responderam a seguinte pergunta: Qual sua concepção sobre a aprendizagem do aluno autista?

**Quadro 01:** Concepção do professor sobre a aprendizagem do aluno autista.

<i>Entrevistados</i>	<i>Respostas</i>
Professora Vênus	<i>Acredito que todo o ser humano tem capacidade de aprender, e o aluno ou aluna autista não é diferente, eles aprendem desde que o meio o influencie, e através disso fazemos um trabalho de acordo com a especialidade de cada aluno através de suas limitações também.</i>
Professora Marte	<i>A aprendizagem dos alunos consiste em paciência, dedicação, gostar da área e sempre buscar inovações para ensina-los. Com materiais, atividades e brincadeiras adaptadas que possam ajudar na sua aprendizagem em sala. Com isso, temos bons avanços acadêmicos com o aluno, o apoio dos colegas e da família também contribuem muito nesse processo. Pois apenas, com um trabalho em conjunto (escola, família, acompanhamentos clínicos e atividades físicas) teremos êxito. Cabe ressaltar que os alunos autistas, assim como as demais crianças sem o transtorno são diferentes umas das outras, umas são mais rápidas para aprender, conseguem falar, outras não são verbais então, temos que montar estratégias para ensinar aquela criança a se comunicar e assim conseguirmos entender o que ele quer no momento, outras exigem um pouco mais de atenção principalmente quando há casos de crises. Não é um trabalho fácil, mais com persistência vamos conseguindo aos poucos pequenos, grandes avanços. O fato da criança aumentar o seu vocabulário, conseguir apontar para o que deseja, desfralde quando é o caso, conseguir escrever uma letra, ou reconhecer um número, são avanços que não podemos deixar passar despercebido, sempre vibramos e damos ao máximo reforço positivo pra que ele consiga cada vez mais.</i>
	<i>Minha concepção sobre a aprendizagem do aluno autista é claro que todos eles são capazes de aprender, essa concepção equivale que haja respeito diante da sua aprendizagem, pois é uma aprendizagem mais lenta, aprendizagem que envolve que esses alunos possam ter desenvolvimento das suas habilidades tanto cognitivas e motoras, porque quando o aluno autista dependente do nível ele pode ter comprometimentos na sua parte física, ele pode ter dificuldade em manusear um lápis, ou qualquer outro objeto, e na parte cognitiva</i>

Professor Saturno	<i>pode afetar sua fala, seus pensamentos e principalmente sua relação social, então é uma aprendizagem que requer muita paciência do profissional e requer também muitas habilidades no sentido em que o profissional possa proporcionar para esse aluno materiais concretos que ele possa manusear que ele possa olhar e também potencializar isso com atividades em grupos que possa estar no meio desses alunos compartilhar objetos e conversar. Então a aprendizagem dos alunos autistas é uma aprendizagem que é um ritmo totalmente lento que é preciso potencializar isso.</i>
Professora Mercúrio	<i>Minha concepção sobre a aprendizagem do aluno autista, é que essas crianças têm condições, dependendo do seu nível de aprendizagem, eles têm condições de vivenciar essas experiências e de também serem incluídos de diferentes formas ou seja, da melhor forma possível de acordo com as suas especificidades. Nossa experiência não deve ser única e nem focada como um todo, ela tem ser muito a partir dele, ele vai ser o nosso currículo, ele é que vai ser o nosso foco de atenção, de adaptação do nosso trabalho, então eles conseguem a partir da sua singularidade, vamos traçar o PDI desse aluno e verificar a naminésia desse trabalho individual e depois ver a necessidade desse aluno.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo acadêmico (2023).

Através das falas de nossos entrevistados, podemos afirmar que alunos autistas são crianças com potencial, podem desenvolver habilidades educacionais como qualquer outro estudante, por isso não podemos inviabilizá-los e ignorá-los neste processo de ensino aprendizagem.

De acordo com as primeiras respostas dos professores, podemos observar que suas concepções não são muito distintas, pois estes têm a mesma preocupação em trazer melhorias para o ensino do aluno autista, observamos também que todos conseguem ter seu lado otimista, nos mostrando força de vontade e coragem para enfrentar seus desafios, apresentando segurança e falando que todo aluno autista é um ser capaz e que nada o impede de ter uma educação justa e de qualidade.

A aprendizagem dos alunos com o transtorno do espectro autista consiste muito em paciência, dedicação e respeito por estes que necessitam de um atendimento especializado e mais humanizado para que assim sintam-se seguros neste processo de desenvolvimento educacional.

Vale ressaltar que apesar desses alunos terem uma aprendizagem gradativa, o professor é um proponente fundamental para que o aluno possa alcançar seus objetivos, é necessário que a escola, o professor e família possam ter de certa forma suas proximidades com a realidade pessoal do aluno, pois esse vínculo trás melhorias e “facilidades” neste processo de ensino.

Embora não seja uma tarefa fácil, estabelecer um vínculo entre família e escola, pode assim trazer resultados positivos para a qualidade do aprendizado do aluno e deve ser amplamente discutido para que se torne cada vez mais arraigado na rede educacional.

De acordo com Silva (2019), é de suma importância o estabelecimento de vínculos entre familiares, professores, crianças e demais profissionais envolvidos para que as atividades propostas estejam direcionadas às necessidades e peculiaridades de cada criança, pois, embora o contexto escolar receba crianças que apresentem a mesma condição especial, “cada uma tem o seu ritmo e sua individualidade, de forma que cada uma tem a sua rotina estabelecida, a qual deve ser respeitada para obter o melhor desenvolvimento possível da aprendizagem”.

Serra (2010) esclarece que “as iniciativas familiares, muito embora tenham contribuído bastante, também reforçam a ideia de que o deficiente é um problema da família e não da sociedade e é ela que deve carregar a cruz”. Esse estigma é herança de um processo histórico composto por muito preconceito, uma vez que por muitos anos pessoas com deficiência foram inviabilizadas e colocadas às margens da sociedade” (Mazzota, 2005, 102).

Um atendimento consciente e responsável não deve ser realizado apenas em ambiente escolar. As famílias de pessoas com autismo desempenham um papel decisivo em seu desenvolvimento acadêmico. São famílias que vivenciam a dor e a decepção em diferentes fases da vida, desde a notificação de uma deficiência até o desenvolvimento da criança.

Silva (2019, p. 4) “esclarece que os alunos com autismo aprendem diferente, desejam diferente e pensam diferente”. O principal é que a disciplina funcione e não imobilize a criança, a correção é pelo ensino e não pela repressão, pois o princípio da atividade afetiva conduz à disciplina e à socialização.

As estratégias educacionais adequadas para crianças com autismo requerem transições para garantir a progressão de muitas de suas habilidades, que devem ser desenvolvidas para superar as maiores dificuldades que esses alunos enfrentam.

### **3.2 Metodologias utilizadas no processo de ensino aprendizagem do aluno TEA**

No presente tópico vamos discorrer acerca das metodologias utilizadas pelos docentes no processo de ensino do aluno autista, e buscar compreender se os professores utilizam uma metodologia específica ou aplicam suas atividades de acordo com as especificidades do aluno. Portanto para que possamos nos aprofundar com base nesse tópico, é necessário explorarmos e compreendermos as respostas da segunda pergunta respondida pelos entrevistados que consiste

na indagação: quais metodologias você utiliza para o ensino aprendizagem do aluno TEA? Tem uma metodologia específica?

**Quadro 02:** Metodologias utilizadas no processo de ensino aprendizagem do aluno TEA.

<i>Entrevistados</i>	<i>Respostas</i>
Professora Vênus	<i>Bem como respondi na pergunta anterior, cada aluno tem sua forma de aprender, ninguém segue uma única metodologia, trabalhamos de acordo com a especialidade do aluno, algumas vezes adaptamos as atividades que o professor de sala comum realiza com os demais alunos, quando há necessidade, mas os conteúdos são os mesmos dos demais aluno, se não seria exclusão e não inclusão, quando levamos alguns jogos para trabalhar em sala de aula essa atividade é realizada com todos, tornando assim o processo de ensino e aprendizagem bem interessante.</i>
Professora Marte	<i>Quando se trata de alunos com autismo, nós temos que ter um leque de informações que possam nos ajudar a trabalhar com os mesmos. Como citado anteriormente, eles são diferentes um dos outros, uma metodologia que dar certo com um aluno, no ano seguinte pode não ajudar com o próximo que estiver comigo. Então não há uma metodologia única, temos que ser diversificados.</i>
Professor Saturno	<i>Geralmente eu uso muito o método fônico. Aqui na escola irmã Cristine, nossos alunos autistas que são cinco, eles precisam muito desse método fônico pois é o método em que o professor vai enfatizar muito o som das letras, então esse som das letras que menciono é fundamental para que eles possam conhecer todo tipo de aprendizagem, seja a letra do alfabeto, seja em uma palavra. Portanto utilizo também imagens, objetos concretos, livros ilustrados, utilizamos também a parte da matemática, objetos como círculo, quadrado, triângulo em formatos de EVA para que eles possam tocar, e objeto de caixa para que eles possam melhorar sua motricidade fina.</i>
Professora Mercúrio	<i>Eu parto do princípio que a metodologia ela vai depender da necessidade específica dessa criança. Por exemplo se essa criança ela não tem foco na parte de socialização, se ela não tem foco na parte visual, se ela não manifesta o olhar, então vamos fazer toda uma verificação uma abordagem do que realmente precisa para poder traçar uma metodologia, ela é muito individual, para mim ela passa primeiro por essas informações prévias para eu poder lançar a mão, então pra mim a metodologia primeiro, é o meu aluno, é a família e é o relatório prévio se essa criança já passou por uma instituição de ensino, se essa criança já foi para a escola, se ela já teve essa iniciação na sua formação acadêmica previamente.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo acadêmico (2023).

As falas das três professoras entrevistadas se coincidem, pois as mesmas aplicam os métodos de acordo com as necessidades e especificidades dos alunos. As estratégias

educacionais adequadas para crianças com autismo requerem transições para garantir a progressão de muitas de suas habilidades, que devem ser desenvolvidas para superar as maiores dificuldades que esses alunos enfrentam. Desta forma é necessário pesquisar métodos mais eficazes para garantir o sucesso do aluno em todas as etapas do aprendizado.

De acordo com Balbino (2015) a escolha correta das estratégias educativas adaptadas é de suma importância para o sucesso da aprendizagem, porque “quando nos referimos a crianças com TEA podemos compreender que as mesmas possuem peculiaridades e respostas diferenciadas frente às atividades em sala de aula. “O professor deve escolher atividades que estejam fragmentadas e que trabalhem processos periódicos, fazendo com que os (as) alunos (as) se habituem às etapas e consigam concluir com satisfação o que lhe for proposto” (Balbino, 2015. P. 28).

O professor Saturno respondeu às perguntas de forma diferente das demais professoras, pois o mesmo usa uma metodologia específica, como o método fônico, a qual foi citado em sua resposta situada no quadro acima.

Savage (2015, p. 25) conceitua a fônica como “um estudo consciente e concentrado da relação entre sons e símbolos, com o objetivo de aprender a ler e a escrever”. O mesmo autor ainda afirma que:

A relação entre letras e sons fica no núcleo da fônica. A fônica baseia-se no princípio alfabético, que exige o conhecimento das correspondências letra-som para a pronúncia e a produção da linguagem escrita. [...] é uma ferramenta que ajuda no letramento. (Savage, 2015, p. 25).

Diante das palavras do autor podemos entender que a fonética direciona os alunos para uma desenvoltura melhor, pois não é um método que apenas ensina a ler, mas permite que você leia com precisão, facilidade e escreva corretamente. Nesse sentido, a abordagem fonológica torna-se um método a ser considerado no processo de ensino aprendizagem do discente, desenvolvendo na criança habilidades que o capacitem a dominar as habilidades de leitura e escrita, ampliando a codificação e decodificação do sistema de escrita.

Os métodos fundamentais para o melhor aprendizado da criança com transtorno do espectro autista, são o TEACCH, o PECS e a ABA, a qual foram citados na base teórica anteriormente.

O TEACCH busca, na organização do ambiente físico, possibilitar que as crianças entendam seu local de trabalho. A estrutura externa (ambiente) fornece às crianças autistas comportamentos mais funcionais, porque as crianças se sentem seguras sabendo o que seu ambiente espera delas, um bom exemplo disso é quando são levados para lugares

desconhecidos, muitas vezes se irritam, ficam inquietos, às vezes muito agressivos, tudo por causa de circunstâncias diferentes das que estão acostumados.

Conforme Vatauvuk (1997), o TEACCH tem sido bastante usado nacionalmente e internacionalmente para a estruturação de locais de atendimento a indivíduos autistas. A autora destaca que muitas pessoas com autismo se beneficiaram com o tratamento adequado do programa, pois aprenderam a trabalhar com atividades de aprendizagem organizadas e conscientes, podendo usar o computador como um meio para aprender a ler, escrever e usar o tempo livre por meio de brincadeiras, além de realizar tarefas profissionais muito valiosas para a vida adulta.

O método PECS, tem como objetivo ensinar os indivíduos a se comunicarem por meio da troca de imagens. Ou seja, o professor ou terapeuta, sabendo de um elemento que a criança gosta, como uma bola, cria uma foto da bola e pede para a criança devolver a foto para a pessoa que está segurando a mesma, essa pessoa tem que dizer: Você quer brincar um pouco com essa bola? Então em seguida o objeto é entregue a criança. Assim, quando a criança compreende a troca de imagem para objeto, as ajudas são reduzidas até que a criança comece a desenhar de forma independente.

O PECS tem sido bem aceito em vários lugares do mundo, pois os materiais são simples, de baixo custo, pode ser aplicado em qualquer lugar e, quando bem aplicado, apresenta resultados surpreendentes na comunicação de crianças que não falam, e na organização da linguagem verbal de crianças que falam (Mello, 2001, p. 75).

Já o método ABA visa ensinar à criança habilidades que ela não possui, introduzindo essas habilidades em etapas e principalmente permitir que essa criança se integre em diferentes espaços sociais, incluindo escola regular, pública ou privada.

De acordo com Mello (2001) ABA é um tratamento comportamental indutivo, tem por objetivo ensinar a criança habilidades, por etapas, que ela não possui. Cada habilidade é ensinada, em geral, em plano individual, de maneira associada a uma indicação ou instrução, levando a criança autista a trabalhar de forma positiva.

A metodologia consiste em modificar os comportamentos inadequados, substituindo-os por outros mais funcionais. O foco da mudança baseia-se, principalmente, nos comportamentos social, verbal e na extinção de birra. Uma variedade de procedimentos comportamentais é usada para fortalecer habilidades existentes e modelar aquelas ainda não desenvolvidas. Isso envolve criar oportunidades para que a criança possa aprender e praticar habilidades por meio de incentivos ou reforços positivos, ou seja, premiá-la e elogiá-la a cada comportamento realizado de forma adequada. (Silva, Gaiato; Reveles, 2012, p.104).

Essas técnicas permitem que as crianças com autismo adquiram habilidades para a vida, atividades do dia-a-dia, como lavar as mãos, comer, e se vestir. É conhecido como uma atividade da vida diária (AVD). Os métodos psicoeducativos também proporcionam organização ambiental, alternativas de comunicação, melhora da interação social e, principalmente, a capacidade de reduzir comportamentos inadequados, como autoagressão, preconceitos, maneiras etc.

### 3.3 Dificuldades dos docentes ao trabalhar com alunos TEA

Este tópico irá abordar as dificuldades enfrentadas pelos docentes que trabalham com alunos autistas no ensino fundamental I. O autismo tem características comuns, mas em outros aspectos se divergem, sendo assim é importante considerar as necessidades de cada criança no processo de ensino aprendizagem. Vale ressaltar que o papel do professor é fundamental para garantir a integração dos alunos com TEA. No entanto, os professores enfrentam muitas dificuldades nesse processo e precisam de certa forma saber lidar com essas dificuldades para criar as melhores condições de aprendizagem para os alunos com autismo.

Para compreendermos as dificuldades dos professores no desenvolvimento de suas atividades com aluno TEA, fizemos o seguinte questionamento: Quais são suas dificuldades ao trabalhar com aluno autista? Os professores entrevistados nos deram suas respostas de acordo com suas vivências.

**Quadro 03:** Dificuldades dos docentes em trabalhar com alunos autistas.

Entrevistados	Respostas
Professora Vênus	<i>No primeiro contato que tive com o aluno, não vou mentir senti um pouco de receio, ouvi alguns comentários que o autista é agressivo bravo, isso me deixou um pouco insegura, mas quando passei a conviver e acompanhar o aluno autista percebi que não era de certa forma o que falavam, eles são crianças como as outras pessoas como as outras, agem um pouco diferente sim, porque eles tem toda uma rotina e se algo sair diferente de repente eles estranham e de certa forma isso é desconfortável para eles, mais tudo é questão de adaptação, da questão afetiva professor aluno, e fora que você está conhecendo o aluno e ele também está tendo contato com você, com o decorrer do tempo passamos a conhecer o aluno suas limitações a melhor forma de mediar o conhecimento a ele. Então aquilo que temos dúvida podemos perguntar e contar com os demais profissionais da sala de recursos por exemplo, outros professores que têm essa experiência por mais tempo, assim vamos</i>

	<i>nos ajudando, compartilhando o que podemos uns com os outros, é uma parceria que precisamos ter no espaço escolar.</i>
Professora Marte	<i>Sempre há dificuldades, pois eles fazem parte da escola e as vezes há professores (da sala regular) que ainda têm resistência em recebê-los, ficam inseguros, dizem que não estão preparados e nos professores TEA temos que ser flexíveis para saber lidar com essas situações. Sermos parceiros para conseguir acolher e ajudar aquele aluno. Outra dificuldade encontrada é não termos uma sala específica e única pra quando o aluno ter uma crise e nos podermos acalmá-lo nesse espaço, sendo que em sala de aula é quase, e em alguns casos impossível. Pois nessas horas eles podem se machucar, machucar alguém próximo, gritar de forma descontrolada, assustar os colegas. Então seria muito legal se houvesse nas escolas, uma sala para voltar a calma, com equipamentos como objetos macios, travesseiros, macarrão de piscina, bolinhas macias, coisas que ajudam o aluno a se regular, até mesmo o próprio silêncio ajuda nessa volta da calma. Coisa que não tem na sala de aula. Pois as crianças gostam de conversar e mesmo que peçamos, a sala não fica 100% em silêncio.</i>
Professor Saturno	<i>Quando o aluno é nível um nível dois, geralmente eu não possuo tanta dificuldade, nesse ano eu sentir um pouco com os autistas níveis dois, como eles tem muita dificuldade em sua oralidade e hiper sensibilidade, qualquer barulhinho, qualquer voz alta pode fazer com que ele chore. Eu sentir dificuldade por conta da hiper sensibilidade, como minha voz é um pouco grave eu tive que amenizar um pouco minha voz justamente para ele não se sentir incomodado e não chorar, então utilizei até mesmo o fone de ouvido para trabalhar com ele para se sentir um pouco mais seguro, também sentir dificuldade porque alguns alunos tem geralmente uma pequena dificuldade na motricidade fina das mãos dele, e não consegue pegar no lápis, no pincel, então nesse caso também dificuldade na concentração.</i>
Professora Mercúrio	<i>A dificuldade que enfrentamos com aluno autista, é quando não temos o apoio da família para ajudar essa criança se desenvolver, então é partir da família que vamos ter apoio para criança se desenvolver tanto social como emocional. Eu penso que quando encontramos uma família que realmente ajuda, o trabalho flui, se formos trabalhar com essa criança somente em sala de aula sem essa ajuda mútua da família e escola tudo se torna mais complexo. Se o aluno enfrenta barreiras na escola e na família ai é difícil trabalhar para sanar as necessidades dessa criança.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo acadêmico (2023).

A professora Vênus em seu relato nos mostrou o quão se sentiu insegura, e com receio acerca dos comentários que faziam sobre trabalhar com alunos autistas, pois relatavam que eram agressivos, impacientes e bravos. Mas como a professora estava no início de sua carreira e não tinha tanta experiência, percebeu então que tudo era uma questão de tempo e adaptação,

e percebeu que o professor deve de certa forma ter um laço afetivo com a criança, buscando compreender suas especificidades, para se adaptar com o mesmo e trazer uma excelente educação para o discente.

A interação entre professores e alunos é condição essencial para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Os alunos precisam encontrar no ambiente escolar um espaço atraente e suficiente para atender às suas necessidades, tristes ou alegres, concentrados ou não, dispersos ou apáticos, precisam criar vínculos. Deve ser um bom momento para ensinar e aprender.

Vasconcellos (1988, p. 81) enfatiza que o professor normalmente espera sugestões, propostas, orientações para sua tão desafiadora prática; muitos gostariam de algumas receitas, sabemos, no entanto, que estas não existem, dada a complexidade da tarefa educativa. Diante desta afirmativa, os professores precisam planejar suas ações, refletir sobre suas práticas pedagógicas, sobre sua busca constante por conhecimento e sobre os desafios que surgem a partir dos métodos no dia a dia, para de certa forma realizar com eficácia sua árdua tarefa para atingir o objetivo traçado no processo de ensino-aprendizagem.

A professora Marte não tendo sua fala tão distinta da professora Vênus, apontou o quesito insegurança e receio ao trabalhar com alunos com transtorno do espectro autista e trouxe à tona também a situação de uma “sala específica” para atender os alunos quando estiverem em suas crises, pois como citado no quadro acima, eles ficam agressivos, sensíveis, choram e acabam atrapalhando a aula dos demais alunos.

As crises de alunos autistas, também conhecidas como crise comportamental referem-se a períodos em que estes alunos exibem comportamentos agressivos, como bater em outras pessoas, atacar objetos ou se machucar. É importante salientar que nem todas as pessoas com autismo apresentam explosões de agressividade, e cada indivíduo tem suas características e seus comportamentos.

O professor Saturno relatou que não tinha tanta dificuldade em trabalhar com aluno autista e que só teve dificuldade atualmente, no ano de 2023, a qual uma de suas principais dificuldades foi trabalhar com alunos com hipersensibilidade, ou seja, alunos que sentem muito incômodo com barulho e que tem sua audição sensível.

O ambiente consiste em uma variedade de informações sensoriais que ativam diferentes sentidos. Podemos ter ruído, luz, calor ou frio, pessoas, animais, entre outras informações processadas pelos nossos sentidos: visão, paladar, olfato, tato e audição.

Em alguns casos, crianças com autismo podem expor sensibilidade sensorial e podem ser hipersensíveis e/ou hipossensíveis a estímulos sensoriais. Em outras palavras, seus sentidos

podem receber mais ou menos informações do que o normal. No entanto, deve ser lembrado que todas as crianças são diferentes e têm sua própria singularidade.

Há crianças que apresentam atraso no desenvolvimento da fala, dificuldade na interação com seus pares ou familiares, irritação em locais cheios ou barulhentos, fascínio por objetos incomuns, estereotipia vocal e motora, ausência das interações sociais, onde se precisa seguir uma rotina, e comportamentos definidos (Apa, 2014. P. 3).

A professora Mercúrio trouxe em sua fala que sua maior dificuldade ao lecionar para alunos TEA é a falta de parceria entre família e escola, afirmou também que se não houver esse laço o processo de ensino se torna muito complexo.

A família é a base da sociedade a qual a criança contribuirá para o seu desenvolvimento. A família é responsável por zelar pela felicidade de seus membros, proteger a criança e transmitir valores. A família também se preocupa com o futuro de todos e principalmente da criança, pois as fases de desenvolvimento não podem ser prejudicadas física e mentalmente, a família está sempre buscando uma qualidade de vida ao invés do comum.

### 3.4 Desafios na Práxis do professor TEA

No presente tópico vamos abordar os maiores desafios enfrentados pelo professor TEA, onde iremos observar que a dificuldade de interação social é uma das principais características das crianças com autismo, e os aspectos de socialização tornam-se um dos maiores desafios em sala de aula, fazendo com que o professor venha quebrar esses paradigmas para que de certa forma possa trazer melhorias para o aluno. Os entrevistados relatam com detalhes suas vivências no processo de ensino aprendizagem da criança autista, que está com frequência em sala de aula.

Para que pudéssemos ter uma melhor compreensão acerca do tópico abordado, fizemos a seguinte pergunta: Qual o maior desafio que você professor enfrenta ao trabalhar com TEA?

**Quadro 04:** Desafios da Práxis do professor que trabalha com TEA.

Entrevistados	Respostas
	<i>O maior desafio que enfrentei no caso do aluno que acompanho foi no primeiro momento, por conta da sua oralidade, não entendia o que o aluno falava, me preocupava, por conta das habilidades que eu teria que ajudar esse aluno a conquistar como ele conseguiria aprender se eu não entendia o que ele falava, então tudo é questão</i>

Professora Vênus	<i>de tempo de adaptação, com o passar do tempo fui compreendendo, o que ele queria, também obtive ajuda da mãe da criança, que de certa forma me ajudou bastante na adaptação do seu filho, e também me explicava gestos e algumas falas, o que cada uma significava, graças a Deus conheço meu aluno sei das suas limitações, adquiriu algumas habilidades e isso nos motiva e chega ser gratificante.</i>
Professora Marte	<i>Acredito ser a falta de recurso de um espaço físico disponível na escola, como já citado anteriormente, uma sala única para o aluno voltar a calma em caso de crises. Pois não podemos leva-lo para sala de recurso por ser um espaço que é usado para atender outras crianças com trabalhos específicos de acordo com a necessidade de cada um.</i>
Professor Saturno	<i>Bom até que não tem desafios muito grande mas acredito que é preciso ter um pouco mais de formações para professores que trabalham com TEA, geralmente não temos, é necessário ter essa formação também para os professores titulares pois eles precisam muito mais ter essa orientação de como trabalhar com aluno autista, porque muitas vezes ficam perdidos e precisam pesquisar no Google, formas para trabalhar com o aluno, ou procura a sala de recursos. Eu creio que o meu maior desafio é uma parceria com a família porque sempre tem uma família resistente que acaba dificultando mais o trabalho, porque não participa do atendimento. Então um dos maiores desafios é quando a família não participa do trabalho, pois é fundamental ter essa relação. Posso falar também que uma das dificuldades que enfrentamos é em relação a falta de formação continuada, quando tem uma formação na cidade, tanto para SEMED e SEDUC, é uma formação de dois três dias então é um tempo muito curto e também é muita teoria e sentimos a falta da prática.</i>
Professora Mercúrio	<i>Penso que não há um grande desafio, pois precisamos compreender suas aptidões e habilidades e nela aprimorar seus conhecimentos. Professor deve ser mediador nesse processo e conhecer bem seu aluno e suas necessidades específicas para criar um elo de segurança e possibilitar que esse aluno avance dentro do seu próprio tempo e ritmo. O desafio é diário como com qualquer pessoa que pensa e sente.</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pelo acadêmico (2023).

No quadro acima os professores relataram a questão de seus maiores desafios que enfrentam em suas atividades com alunos autistas, os três primeiros entrevistados implicam na situação de adaptação, insegurança, escola, família e formação continuada para os professores.

A professora Vênus relatou que seu maior desafio é oralidade (comunicação), pois tinha medo e insegurança de não conseguir com que seu aluno obtivesse êxito em suas habilidades, teve momentos em que a docente se perguntava como iria fazer com que o aluno compreendesse as atividades, se a mesma não entendia o que o aluno estava falando, a docente

também relatou que percebeu que tudo era questão de tempo, ainda faltava interação e vínculo de professor aluno e aluno professor, com o passar do tempo as coisas foram se adequando e fluindo da melhor forma possível. Vale ressaltar que a professora recebeu apoio da mãe, a qual foi um dos fatores fundamentais que trouxeram facilidades e melhorias para o processo de ensino do aluno.

“De maneira geral, a linguagem de um indivíduo com TEA é caracterizada como tendo um grau de atraso, com pouca compreensão do discurso, uso da linguagem literal e unilateral, junto com pouca ou nenhuma iniciativa social o que alimenta o prejuízo linguístico” (Mergl; Azoni, 2015, p. 2072). Ao falar, algumas crianças com autismo não constroem frases da maneira usual, começando com palavras únicas de duas palavras, construindo frases e, em seguida, construindo frases mais longas.

Essas crianças aprendem uma frase em um determinado contexto e as frases são internalizadas por meio da repetição, as frases então são fragmentadas e recombinações para criar novos significados. É importante ressaltar que alunos com autismo têm dificuldade ou não compreendem metáforas e outras formas não literais de linguagem é fundamental que os professores estejam atentos a essa característica das crianças com autismo para saberem se comunicar melhor com as crianças na hora de explicar tarefas, por exemplo. A linguagem falada direta e literal é mais incentivada para que os alunos com autismo entendam as tarefas e possam realizá-las.

A professora Marte relatou que um dos maiores desafios que o professor TEA enfrenta, é a situação de um local específico para o aluno, pois em seus momentos de crises tudo se torna difícil, o aluno fica agressivo e descontrolado, tirando assim a concentração de outros alunos e até mesmo da professora titular da sala, as crises podem apresentar sinais de alerta que podem se manifestar externamente por um acúmulo de emoções, evidenciado por choro, instabilidade, movimentos repetitivos e outras ações. Esses sinais servem para avisar que o aluno está prestes a perder o controle.

Essas explosões frequentes também podem limitar o aprendizado e dificultar os relacionamentos e as interações sociais. No entanto, as crises surgem pela incapacidade das pessoas com autismo em entender as necessidades dos pais e professores, por terem dificuldade em se comunicar e expressar suas necessidades e desejos e, muitas vezes, porque problemas sensoriais são muito comuns em pessoas com autismo.

O professor Saturno falou sobre a formação continuada dos professores, e quem realmente mais necessita são os professores titulares por que na maioria das vezes, esses professores não sabem lidar com as especificidades do aluno e a única solução que encontram

é ir até o Google procurar meios para trabalhar com essas crianças. A formação continuada não é uma “invenção nova, mas é algo ainda frágil nos dias atuais e, dentro das novas perspectivas, busca não somente o aprimoramento dos conhecimentos adquiridos na formação inicial, mas também uma identidade para o professor” (Perrenoud, 2000, p. 17).

Segundo Rodrigues (1998, p. 27), o professor não está preparado porque cursou a faculdade, pois se exige dele um crescimento de sua consciência política na atuação pedagógica e, para isso, deve estar em constante transformação e compromisso com sua competência técnica. Gadotti (2011, p. 41), entende que:

A formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas. A nova formação permanente, segundo essa concepção, inicia-se pela reflexão crítica sobre a prática.

Considerando questões relacionadas a formação de professores pesquisas indicam que os principais desafios da educação continuada são a fragmentação dos programas de aprendizagem ou treinamento oferecidos e a alta rotatividade de gestores e professores educacionais e administrativos.

No entanto, os professores apontaram que os principais problemas para a implementação da formação em serviço resultaram da falta de sintonia entre a formação em serviço e as reais necessidades que a formação em serviço deve atender, a não participação dos professores na tomada de decisões, a falta de sistematização e fiscalização das atividades docentes, ruptura das políticas públicas voltadas para a educação continuada e baixos salários resultando em dupla jornada de trabalho.

A professora Mercúrio que foi a quarta e última entrevistada, relatou que não há um grande desafio, pois o professor precisa ser um mediador e compreender então as aptidões e habilidades de seus alunos e a partir dela aprimorar seus conhecimentos, trazendo segurança para o aluno para que o mesmo possa aprender no seu tempo e no seu ritmo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho intitulado como Desafios e Dificuldades das Práticas Metodológicas dos professores que trabalham com TEA no ensino fundamental I, teve como objetivo Investigar as

práticas metodológicas aplicadas pelo professor TEA no ensino de alunos com transtorno do espectro autista na Escola Municipal Irmã Cristine na cidade de Parintins/Am. Bem como os principais desafios que os professores enfrentam e as metodologias que utilizam para envolver estes alunos.

Após a análise das falas dos sujeitos nas entrevistas, foi possível verificar a realidade presente na escola com relação as práticas metodológicas aplicadas pelos professores TEA e o que ficou evidente na fala dos sujeitos foi a falta de conhecimento e preparo dos professores, que mesmo atuando com alunos que possuem este transtorno não recebem nenhum tipo de informação e orientação para atuar em sala de aula e conhecer as manifestações do aluno TEA. Os professores argumentaram possuir um conhecimento superficial das características e interações do espectro do autismo, os mesmos expressam medo ao admitir alunos com autismo nas aulas porque apresentam dificuldades de aprendizagem, na linguagem falada, no contato visual e em alguns casos há situações agressivas por parte do aluno autista.

Ressalta-se que alguns desses professores demonstraram interesse em aprender e aprofundar os conhecimentos sobre as características do autismo, porém, sabe-se que a formação e as credenciais desses educadores não são suficientes para trabalhar de forma adequada e significativa com esses alunos. Para que os alunos com autismo desenvolvam suas habilidades, é necessária uma estrutura escolar eficaz e com preparação profissional de todos os envolvidos no processo educacional, e isso inclui uma especialização na área e formação continuada.

Como os alunos com autismo têm dificuldade de adaptação ao mundo exterior, as escolas devem pensar em uma forma de adaptação adequada a realidade desses alunos. Não basta apenas salas de aula inclusivas, mas também faz-se necessárias escolas inclusivas, que possam proporcionar a esses alunos um ambiente com uma rotina a que eles estão habituados como estratégia para que esses alunos se adaptem e prosperem no desenvolvimento de suas potencialidades.

Dessa forma espera-se que o resultado obtido nesta pesquisa possa contribuir com possibilidades de práticas metodológicas inovadoras e significativas para o ensino do aluno autista. Espera-se ainda que as dificuldades enfrentadas pelos professores TEA, possam ser minimizadas por meio da efetivação de políticas públicas que proporcione aos mesmos formação continuada especializada na área e que essas dificuldades que ora foram relatadas pelos professores possam tornar-se possibilidades que os levem ao exercício de uma prática pedagógica voltada para o atendimento necessário ao ensino do aluno autista.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- AZEVÊDO, M. D. A.; ALENCAR, S. A.; AZÊVEDO, H. S. F. S.; AZEVEDO, J. M. A. **Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental I**: utilização de material concreto no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Conexão na Amazônia*, v. 1, n. 2, p. 109-134, 2021.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes; LEHFELD, Neide Ap. de S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. 13. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.
- BASTOS, M. B. Impasses vividos pela professora na inclusão escolar. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 47-55, 2001. Doi: 10.11606/issn.1981-1624.v6i11p47-55.
- BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da república**. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/Leis/L9394.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 13.005, 25 de junho de 2014. Aprova o **Plano Nacional de Educação - PNE** e dá outras providências- Plana Nacional de Educação 2014- 2024. Brasília, 25 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/-ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- BRUYNE, P. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**: Os polos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- FIGUEIREDO, Carolina Salviano de. **Um estudo sobre programas de intervenção precoce e o engajamento dos pais como coterapeutas de crianças autistas**. 2014. 91f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- FIORINI, M. L. S. **Concepção do professor de educação física sobre a inclusão do aluno com deficiência**. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2011.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP; Atlas. 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1996.

Gomes, W. B. (2008). A distinção de procedimentos técnicos e lógicos na análise fenomenológica do exercício didático: o que é uma boa aula de psicologia? **Revista da Abordagem Gestáltica**, 13 (2), 228-240.

King, M. (2001). **A guide to Heidegger's Being and Time**. Albany: State University of New York.

MARTINS, F. M.; PAZ; L. R. B.; ARANTES, S. L. F. **As tecnologias assistivas como ferramentas de ensino e aprendizagem para crianças autistas: percepções de professores e estagiários**. Piracanjuba-GO Editora Conhecimento Livre, 2021.

MONTEIRO, A. T. M. **Educação inclusiva: um olhar sobre o professor**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação; Programa de Pós- Graduação. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: Acesso em: 10 Maio 2013.

MOTE, S.; FONSECA-JANES, C. R. X.; VIEIRA, C. M. Variáveis pessoais do professor e suas relações com a classe. In: OMOTE, S. et al. (Ed.). **Reflexiones internacionales sobre la formación de profesores para la atención a los alumnos con necesidades educativas especiales**. Alcalá: Universidade de Alcalá; Marília: Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", 2014. p. 149-178. (Obras Colectivas Ciências de La Educación, 18.

PIAGET, J. **O estruturalismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SANTOS, E. C. **Linguagem Escrita e a criança com Autismo**. Curitiba: Editora Appris, 2016.

SANTOS, I. A. dos. **Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica**. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Campus de Cornélio Procópio. Cornélio Procópio, 2008.

SASSAKI, R.K. Inclusão: **Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

SENA, A. R. **Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil: Práticas Pedagógicas**. Pleiade, v. 15, n. 33, p. 111-121, 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

STRAUSS, A., CORBIN, J., 1998. **Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory**. 2ed. London, SAGE Publications.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de criança e adolescentes na escola**. 2 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. 2000.

KUBASKI, C. **A inclusão de alunos com transtorno do espectro do autismo na perspectiva de seus professores: estudo de caso em quatro escolas do município de Santa Maria/RS**.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015. PRAÇA, E. Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2011. Disponível em: Acessado dia: 26 de julho de 2018

CUNHA, Gracielle Rodrigues da; BORDINI, Daniela; CAETANO, Sheila Cavalcante. **Autismo, transtornos do espectro do autismo.** In: CAETANO, Sheila Cavalcante; LIMAHERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, Briseida Dôgo de. *Autismo, linguagem e cognição.* MÓDOLO, Marcelo (orgs.). Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

KANNER, L. **Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo.** Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauvuk. Disponível em:

ALBURQUERQUE, S. **Hans Asperger e o autismo.** [Fortaleza], 2011.

KUBASKI, C. **A inclusão de alunos com transtorno do espectro do autismo na perspectiva de seus professores: estudo de caso em quatro escolas do município de Santa Maria/RS.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

RIVIÉRE, Ángel. **Desenvolvimento psicológico e educação.** In: COLL, César. Et al. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Emillene Coco dos. **Linguagem Escrita e a Criança Com Autismo.** Curitiba: Appris, 2016.

Matson, J. L., Nebel-Schwalm, M., & Matson, M. L. (2006). **A review of methodological issues in the differential diagnosis of autism spectrum disorders in children.** *Research in Autism spectrum Disorders, 1*, 38-54.

Williams, J., & Brayne, C. (2006). **Screening for autism spectrum disorders: What is the evidence?** *Autism, 10*, 11-35.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

MANZINI, E. J. **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais. Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85.98623-01-6. 10 p. Disponível em:  
<[http://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf)> Acesso em: 23 out. 2014.

CHALMERS, A. F. **¿Qué es esa cosa llamada ciencia? una valorización de la naturaleza y el estatuto de la ciencia y sus métodos.** México: Siglo Veintiuno, 2000.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos Humanos: o capital humano das organizações** / Idalberto Chiavenato – 9.ed. – 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BARBOSA, M.C.S. **A rotina nas pedagogias da educação infantil: dos binarismos à complexidade.** Currículo sem fronteiras, v.6, nº1. pp.56-69, Jan/Jun 2006.

SANT'ANNA, F. M. et al. **Planejamento de ensino e avaliação.** 2ª ed. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1995.

VIANNA, Heraldo M. **Pesquisa em Educação: a observação.** Brasília: Plano Editora, 2003.

CERVO, Amando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** São Paulo: Makron Books, 1996.

SILVA, Severina Rodrigues de Almeida Melo. **Mediação escolar no transtorno de espectro autista: abordagem na sala de recursos multifuncional.** Educação Pública, v. 19, nº 6, 26 de março de 2019. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SERRA, Dayse. **Autismo, Família e Inclusão.** Polêmica, Revista Eletrônica, v. 9, nº 1, p. 40-56, jan. /mar. 2010.

SILVA, Mirelly Karla da; BALBINO, Elizete Santos. **A importância da formação do professor frente ao transtorno do espectro autista – TEA: estratégias educativas adaptadas.** VI Encontro Alagoano de Educação Inclusiva/I Encontro Nordestino de Inclusão na Educação Superior. 2 a 4 de dezembro de 2015.

SAVAGE, John F. **Aprender a ler e a escrever a partir da fônica: Um programa abrangente de ensino.** 4. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

Vatavuk, M. C. (1997). **Método TEACCH.** Disponível em: <[www.ama.org.br/teacch](http://www.ama.org.br/teacch)>. Acesso em: 09 Abril de 2009.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático.** 5. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. 104 p.: il. Disponível em: <<https://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/Cartilha8aedio.pdf>> Acesso em: 07 jun 2021.

GAIATO, Mayara Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu; SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular: Entenda o autismo.** FONTANAR, São Paulo- SP, 2012.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudanças.** São Paulo: Libertad, 1998.

APA. American Psychiatric Association. DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais.** Porto Alegre: ARTMED, 2014.

MERGL, M et al. Tipos de Ecolalia em Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Revista CEFAC,** São Paulo, v. 17, ed. 6, p. 2072-2080, 2015. Disponível em: <http://www.revistacefac.com.br/> . Acesso em: 13 mar. 2020.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola a escola necessária**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. 2. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.